



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO**

**TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS:  
VISIBILIDADE À TRADUÇÃO FEMINISTA**

**MARIA PAULA MELO DE ANDRADE**

**Brasília – DF**  
**Novembro -2021**

**MARIA PAULA MELO DE ANDRADE**

**TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS:  
VISIBILIDADE À TRADUÇÃO FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Tradução Inglês da Universidade de Brasília como quesito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.

Orientadora: Profa. Dra Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**Brasília – DF  
2021**

MARIA PAULA MELO DE ANDRADE

**TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: VISIBILIDADE À TRADUÇÃO  
FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Tradução Inglês da Universidade de Brasília como quesito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Brasília, \_\_\_\_ de novembro de 2021.

**Banca examinadora:**

---

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Cristiane Roscoe-Bessa  
(Examinadora)

*Ao meu amado avô, que se foi sem poder me ver concluir esta etapa. Te levarei para sempre comigo. Obrigada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente àquele que me deu forças para chegar até aqui.

Agradeço à minha família, aos meus pais, Veraneide e Moisés, e às minhas irmãs, Amanda e Natália, que são as minhas inspirações na vida e que me deram todo o suporte durante todos os anos da faculdade, sem eles nada disso seria possível. À minha sobrinha Luísa, que me faz transbordar de amor todos os dias. É tudo por vocês. Amo vocês incondicionalmente.

Aos meus avós, Antônia e Manoel, que desde que passei no vestibular se mostraram imensamente orgulhosos de mim. Vô, saiba que serei eternamente grata por tudo o que fez por mim, meu coração está despedaçado com sua partida, mas grato por ter vivido momentos tão especiais com você, eu te amo para sempre.

Agradeço aos amigos que fazem parte da minha vida e da minha história, que me apoiam e me ajudam a evoluir, em especial aos meus grandes amigos, Antônio Lucas, Antônio Henrique, Letícia Werner, Henrique Lopes, Geovanne Soares, Joyce Helen, Vinícius Koney e Elaine Cristina. A todos os outros que aqui não mencionei, mas que participaram desse momento e que são essenciais na minha vida. Aos amigos que fiz durante minha trajetória na universidade, Bruna Vidanya, que se tornou uma irmã para mim, que foi meu porto seguro nos dias mais difíceis e que levarei para sempre no meu coração e na minha vida, ao Lucas Portela, que foi meu parceiro durante todos os semestres e que sempre me ajudou e me apoiou.

À minha orientadora, Alessandra Harden: me lembro da primeira aula que tive com você, desde então tem sido minha inspiração, obrigada por toda a ajuda e pelos puxões de orelha que, sem dúvidas, foram extremamente necessários.

Ao meu grande amor, Vinícius Melo, que há 8 anos tem sido o meu melhor presente e minha alegria diária, agradeço por todos os momentos incríveis que tenho ao seu lado e por ter me dado tanto suporte quando entrei para a UnB, sem você não teria graça. Eu te amo muito.

## RESUMO

Segundo Collins (2019), a tradução é central para a práxis feminina. Sabendo que a tradução sempre foi uma grande aliada do movimento das mulheres, o presente trabalho tem por objetivo apresentar duas propostas de tradução de artigos científicos acerca da tradução feminista, sendo eles “*Is There a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language, and Identity Politics*” de Alka Vishwakarma e “*Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to «Queering» Translation, and Metamorphosis*” de Luise Von Flotow, como uma forma de dar visibilidade ao assunto e às autoras em questão. As traduções feitas foram baseadas na teoria funcionalista, de Christiane Nord, (2016) em que o foco não é mais a equivalência, mas sim a mensagem para o público-alvo, utilizando a metodologia de tradução comentada, em que são inseridas notas de tradução pelo(a) tradutor(a). O presente trabalho proporcionará, além do acesso a artigos ainda desconhecidos, o processo crítico de tradução com comentários que revelam a presença do(a) tradutor(a) como agente político.

**Palavras-chave:** Tradução Feminista; Tradução de Artigos Científicos; Teoria Funcionalista; Tradução Comentada; Estudos da Tradução.

## ABSTRACT

According to Collins (2019), translation is central to women's praxis. Since translation has always been a great ally of the women's movement, this paper aims to present two proposals for the translation of scientific articles about feminist translation, namely "Is There a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language, and Identity Politics" by Alka Vishwakarma and "Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to "Queerying" Translation, and Metamorphosis" by Luise Von Flotow, as a way of giving visibility to the subject and to the authors involved. The translations were based on the functionalist theory, by Christiane Nord, (2016) in which the focus is no longer on equivalence, but rather the message for the target audience, and using the commented translation methodology, in which translation notes are inserted by the translator. The present paper will provide, besides the access to unknown articles, the critical process of translation with commentaries that reveal the translator's presence as a political agent.

**Keywords:** Feminist Translation; Translation of Scientific Articles; Functionalist Theory; Commentary Translation; Translation Studies.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema estrutural de um artigo científico proposto por Gomes (2000) .....	<b>Error!</b>
<b>Bookmark not defined.</b>	
Figura 2 Esquema estrutural de um artigo científico em língua inglesa por Schuster, Levkowitz e Oliveira (2014). .....	17
Figura 3 Processo de tradução de modelo circular. Fonte: Nord, 2016, p. 72. ....	32
Figura 4 Exemplos de fatores extratextuais fornecidos por Nord. Fonte: Nord, 2016, p. 74 ..	33



## LISTA DE TABELAS

Questionário de fatores extratextuais e intratextuais da tradução do artigo <i>Translating Woman</i> .....	35
Questionário de fatores extratextuais e intratextuais da tradução do artigo <i>Is There a Feminist Way of Studying Translation?</i> .....	36
Tabela espelhada de tradução.....	97-115

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. A CATEGORIA ARTIGO CIENTÍFICO .....	10
1.1 Apresentando os Textos e as autoras .....	11
1.2 Artigo Científico Como Gênero Textual .....	14
1.3 Estrutura do artigo científico em língua portuguesa .....	15
1.4 Estrutura do artigo científico em língua inglesa .....	16
1.5 Diversidade linguística nos artigos científicos .....	17
2. GÊNERO, POLÍTICA E FEMINISMO NA TRADUÇÃO .....	19
2.1 Tradução Com Base Política .....	19
2.2 Um Pouco da “História” do Gênero .....	20
2.3 Tradução Feminista .....	23
3. METODOLOGIA E DISCUSSÃO DA TRADUÇÃO .....	28
3.1 Tradução Comentada .....	28
3.2 Tradução Funcionalista .....	30
3.3 COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO .....	36
3.3.1 <i>Notas explicativas</i> .....	36
3.3.2 <i>Adaptações para a cultura brasileira</i> .....	38
3.3.3 <i>Itens lexicais que exigiram maior atenção durante a tradução</i> .....	40
3.3.4 <i>Expressões e citações em língua estrangeira</i> .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	44
APÊNDICE I .....	48
REFERÊNCIAS DAS NOTAS .....	59
APÊNDICE II .....	62
REFERÊNCIAS DAS NOTAS .....	70
APÊNDICE III .....	73
APÊNDICE IV .....	78



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar duas propostas de tradução para a língua portuguesa brasileira de dois artigos científicos acerca da tradução feminista, são eles: *“Is There a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language, and Identity Politics”* de Alka Vishwakarma e *“Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to «Queering» Translation, and Metamorphosis”* de Luise Von Flotow, como uma forma de dar visibilidade ao assunto e às autoras em questão. Com base na teoria funcionalista, o processo tradutório foi realizado para que a mensagem dos textos fosse mantida, sendo feitas apenas alterações necessárias, tais como: formatação do modelo de referência para o ABNT por ser o modelo utilizado no Brasil e para não causar estranhamento para o leitor; utilização da linguagem inclusiva para marcar tanto a presença masculina quanto à feminina no texto e mudanças nos sinais de pontuação que não são utilizadas no português.

O trabalho foi dividido em três capítulos, o primeiro consiste em uma apresentação geral dos textos e de suas respectivas autoras, bem como uma análise do artigo científico como gênero textual. O segundo capítulo aborda questões tais como o gênero, feminismo e política na tradução, mostrando a importância da tradução dos artigos mencionados acima para colaborar com os Estudos da Tradução e a relação com ideais políticos. O terceiro e último capítulo apresenta a metodologia utilizada nas traduções e a discussão acerca do processo tradutório, e exemplos das escolhas e dúvidas durante o trabalho de tradução. Nas páginas que se seguem, os apêndices, encontram-se os textos fonte e suas respectivas traduções<sup>1</sup>.

A tradução, sendo uma das práticas mais antigas da sociedade, desempenha um papel relevante na construção e no desenvolvimento das culturas ao redor do mundo. Diante disso, sabe-se que traduções e termos misóginos, que apagavam a identidade da mulher e que a desvalorizavam, foram diversas vezes disseminados através da tradução. Dépêche (2000) afirma que não há nenhum texto puro ou inocente e que a tradução, ao desempenhar o seu papel de “reprodutora”, intensifica a violência das manipulações:

A tradução pressupõe estratégias tanto de (re)leitura, quanto de (re)escrita, uma (re)avaliação dos produtos de partida e chegada, bem como das táticas empregadas para essa passagem estreita. Ora, qualquer estratégia se inscreve em uma rede de poder, pois “[...] o texto é a encarnação de uma luta política conduzida [...] e interpretada, dentro de um quadro ideológico.” Portanto, nenhum texto é puro ou inocente e a tradução, na sua qualidade de re-produtora, agrava e desdobra a violência das manipulações, “[...] modificando e deslocando o quadro ideológico do texto e os movimentos políticos subjacentes. (DÉPÊCHE, 2000, p. 158)

---

<sup>1</sup> Os materiais referentes aos artigos e suas respectivas traduções não estão aqui completos por questões de direitos autorais.

Sendo assim, as palavras e a linguagem ocupam um lugar de poder em meio à sociedade, pois são influentes para gerar conflitos, violências, disseminar notícias, posicionamentos políticos, ideologias etc. Por um lado, as palavras são fundamentais para contar histórias, que geralmente são contadas por homens e no masculino, excluindo todas as pessoas que não se encaixam em tal perfil, desmoralizando as mulheres e outras minorias. Dessa forma, fica evidente que os problemas encontrados nos textos e na tradução têm origem cultural, como afirma Dépêche:

[...] a tradução torna-se o palco de debates feministas que se inserem no quadro crítico à hegemonia patriarcal excludente do pensamento ocidental. Portanto, os problemas encontrados na tradução revelam-se muito menos de origem linguística — como se pensou até uns trinta anos atrás — e muito mais de natureza cultural. (DÉPÊCHE, 2000, p. 159)

A *Bíblia das Mulheres*, obra mundialmente conhecida de Elizabeth Cady Staton, com a primeira parte publicada em 1895 e a segunda em 1896, tinha por objetivo estudar a bíblia não pela inspiração de Deus, mas por histórias contadas por seres humanos, ou seja, ela iria estudar a bíblia como outro livro qualquer, fazendo análise histórica, textual e literária. Elizabeth almejava analisar e questionar as doutrinas que menosprezavam as mulheres. Deifelt (2013) explica que Staton não entendia o porquê de as mulheres ouvirem tão calmamente as palavras que as colocavam como submissas e inferiores:

[...]Ela não conseguia entender por que as mulheres iam às igrejas e ouviam tão docilmente a sermões que as declaravam seres inferiores e causadoras da queda do homem. Esta situação era possível somente porque as mulheres haviam sido educadas a acreditar que a Bíblia era palavra inspirada diretamente por Deus. As mulheres acreditavam que era a vontade de Deus que elas fossem submissas aos homens. A *Bíblia das Mulheres* iria permitir que as mulheres descobrissem o que a Bíblia diz a respeito delas e assim testar a sua validade. (DEIFELT, 2013, p.7)

As mulheres que participaram do projeto iriam, entre outras atividades, traduzir textos diretos do hebraico e do grego, a fim de estudar e entender tais significados. Com notas e comentários, a Bíblia da Mulher mostrou que não foi Deus quem escreveu a bíblia pessoalmente, que, ao contrário do que era conhecido, as mulheres não eram responsáveis pelo pecado do mundo, tudo não passava de um mito e que, sobretudo, a submissão das mulheres não era vontade de Deus. É certo que os teólogos da época jamais adotariam tais perspectivas, uma vez que isso interferiria na base principal da fé cristã — sem a culpa da mulher não haveria a necessidade de seguir os princípios contado pelos homens. “Tirando o pecado de Eva, não haveria necessidade de serpente, queda, juízo, final, purgatório, ou até mesmo um salvador. Sem a possibilidade de culpar as mulheres se arrancaria o tapete debaixo dos pés da teologia cristã.” (DEIFELT, 2013, p.8)

Com o avanço dos estudos de gênero e o surgimento da tradução feminista, mais precisamente nos anos 80, na Escola de Tradução Feminista Canadense, muitas questões problemáticas foram apresentadas e retraduições foram propostas, embasadas em fatores históricos e ideológicos, além de credibilizar mulheres autoras e tradutoras que por muito tempo foram silenciadas e negligenciadas.

Acreditava-se que a tradução deveria ser feita considerando o contexto sociocultural, dessa forma, o texto ou a palavra não deveriam ser analisados, mas sim a cultura em que o texto estivesse inserido, visto que o grande problema não estava nos aspectos linguísticos, mas ideológicos, como Barboza, Matos e Santos deixam claro:

[...] O problema não é somente linguístico, mas ideológico. Da mesma forma que a sociedade produz linguagem, a linguagem também influencia a sociedade. São processos mutuamente constitutivos e, portanto, os Estudos da Tradução, ao se voltarem para essa problemática, podem não só levar a uma reflexão sobre nossa própria língua, mas entender como a mediação entre culturas carrega opressões que refletem as opressões sociais. (BARBOZA, MATOS e SANTOS, 2018, p. 46)

Os aspectos abordados nos Estudos Feministas da Tradução também colocavam em questão o papel de agente político dos tradutores, uma vez que eles deixam de ser neutros e passam a se posicionar e a reivindicar seu papel ativo durante o processo tradutório. Para Castro, o foco da tradução feminista está em traduzir significados e não palavras:

Para esses novos focos, não se traduzem palavras, mas significados; e estes não se encontram nem no texto original, nem na intenção autoral, mas são fruto de negociações dentro do sistema social no qual o texto é produzido e consumido. Assim, somente se pode ser fiel à interpretação que cada tradutor/a realiza (do original ou de sua autoria) através de sua leitura. (Castro, 2017, p. 220)

Dessarte, é importante abordar e aprofundar tal tema a fim de desassociar a necessidade de se manter sempre fiel ao texto fonte e, ao iniciar o processo tradutório, levar em consideração questões como as mencionadas anteriormente para avançar na luta contra as falas e práticas machistas reproduzidas em textos e em traduções.

## **1. A CATEGORIA ARTIGO CIENTÍFICO**

O artigo científico é um dos principais meios de propagação de conhecimento e ciência, pesquisadores de todo o mundo procuram divulgar seus estudos e descobertas por meio da publicação de artigos, deixando claro a importância deste gênero para todas as áreas de conhecimento. Neste capítulo, pretende-se expor as informações gerais dos textos e de suas autoras, e uma sucinta análise sobre o gênero textual artigo científico e suas características.

## 1.1 Apresentando os Textos e as autoras

Os textos traduzidos são dois artigos científicos que abordam a tradução feminista e seu impacto nos Estudos da Tradução, de autoria de Alka Vishwakarma e Luise von Flotow. O primeiro artigo, *Translating Women: from recent histories and re-translations to “Queerying” translation, and metramorphosis*, de Luise Von Flotow (2012) aborda a evolução dos estudos de gênero e apresenta uma proposta ao termo “mulher” como uma referência à diferença sexual nos Estudos da Tradução, bem como revisa as conquistas históricas do feminismo na tradução. Considerando que os últimos quarenta anos do movimento feminista ao redor do mundo foram fortemente afetados pela tradução, o texto discute a história do desenvolvimento do feminismo e os seus efeitos na retradução dos textos feministas fundamentais. Também é abordado no artigo o desenvolvimento dos estudos de gênero anglo-americanos, que por tempos dificultou o pensamento sobre as mulheres como um grupo, com destaque nas humanidades e nas artes. Flotow ressalta em seu artigo que abandonou o termo “gênero” e passou a revalorizar o termo “mulher” graças aos estudos realizados por ela.

O texto é dividido em tópicos, sendo eles: *Reviewing Translation within; the Women’s Movement; Re-Translations (in Feminist Times); Bible Re-translations; Simone de Beauvoir (in English); Queer: where some people «are referred to as women»*<sup>2</sup>.

O artigo aqui traduzido, de autoria de Flotow, foi publicado no *Quaderns*, revista de tradução da Universidade Pública de Barcelona, contém doze páginas (pg127-139) e apresenta uma linguagem formal, porém acessível, sem termos técnicos complexos, de acordo com o Google Acadêmico, o referido artigo já foi citado 34 vezes em outros trabalhos<sup>3</sup>.

Luise Von Flotow é tradutora, professora e diretora da *School of Translation and Interpretation* da Universidade de Ottawa, ela é canadense com dupla cidadania alemã. Suas principais áreas de trabalho são as influências políticas e ideológicas na tradução. De acordo com a revista *Cadernos de Tradução*, da UFSC, seus principais focos são “especialmente questões de gênero; tradução audiovisual, dublagem e legendagem; tradução literária como diplomacia pública.” (RASSIER, FRISIEN, 2015, p.1)<sup>4</sup> Flotow publicou inúmeras pesquisas na área dos Estudos da Tradução, com destaque para o livro *Translating Women*, publicado em 1997. Flotow também faz traduções literárias dos pares linguísticos alemão-inglês e francês-

<sup>2</sup> Flotow, Luise von. «Translating Women: from recent histories and re-translations to “Queerying” translation, and metramorphosis»

<sup>3</sup> Disponível em <<https://scholar.google.com/citations?user=rmrzZkAAAAAJ&hl=es>>

<sup>4</sup> Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p251/20378>>



inglês. Considerando sua trajetória dentro dos Estudos da Tradução, é evidente a relevância de Flotow para a tradução feminista.

O segundo Artigo, *Is there a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language and Identity Politics*, de Alka Vishwakarma (2019). Seguindo a linha da tradução feminista e da ideologia de gênero, tem por objetivo problematizar algumas questões a partir da premissa de que os tradutores do gênero masculino sempre tiveram mais destaques, tais questões são: as mulheres tradutoras e suas histórias, análise das questões de gênero e se estas foram historicamente negligenciadas ou reconhecidas, como os diferentes contextos culturais afetaram a consciência de gênero na tradução, como a tradução consciente de gênero afeta os textos de chegada e a recepção de um texto traduzido, e como as identidades da tradutora e da autora são politizadas.

Vishwakarma também afirma que o artigo é uma crítica às ideias de Sherry Simon (1996),<sup>5</sup> defendidas por Luise von Flotow (1997) e Gayatri Chakravarti Spivak (1998). A autora declara ainda que oferecerá aos leitores as possibilidades de perspectivas feministas à tradução. O texto é dividido em tópicos, sendo eles: *Translatress: The 'lost' Women on the Surface*, *Language Politics in Translation*, *Identity Politics* e *Spivak and Translation*.

O artigo de Vishwakarma foi publicado no livro *Translation, Nation and Knowledge Society*, de Tariq Khan, um compilado de publicações de pesquisas, artigos, entrevistas acadêmicas, traduções, resenhas de livros etc. O livro faz parte das publicações da revista *Translation Today*<sup>6</sup>, um periódico bianual publicado pela *National Translation Mission*<sup>7</sup>, uma iniciativa do governo indiano para tornar acessíveis os textos de conhecimento.

Alka Vishwakarma<sup>8</sup> é pesquisadora do Departamento de Inglês da Universidade Banaras Hindu, em Varanasi, Índia, e suas áreas de especialização são os Estudos de Gênero e Estudos Afro-Americanos. Estudos da Tradução e Literatura Vernácula são suas novas áreas de pesquisa.<sup>9</sup>

Entende-se que os estudos sobre a relação entre gênero e tradução e tradução feminista são de suma importância tanto para os Estudos da Tradução, quanto para o contexto social e da

---

<sup>5</sup> Professora, tradutora e teórica canadense, suas principais áreas de interesse são os Estudos de Tradução, a tradução literária e gênero na tradução Disponível em

<<https://www.concordia.ca/events/conferences/transfiction/sherry-simon.html>>

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.ntm.org.in/languages/english/translationtoday.aspx>>

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www.ntm.org.in/>>

<sup>8</sup> Não foram encontradas mais informações sobre a autora, sendo assim, fica claro a importância deste trabalho em dar visibilidade as mulheres que, por vezes, não recebem o mesmo destaque que mulheres brancas de classe média, e usá-lo como forma de protesto contra o apagamento das mulheres que fazem parte de grupos minoritários.

<sup>9</sup> Informações retiradas do livro *Translation, Nation and Knowledge Society*, p. 283

prática de tradução, uma vez que a tradução alcança as mais diversas culturas ao redor do mundo, a fim de expor e cessar as recorrentes falas misóginas presentes nos textos e que passam despercebidas durante o processo tradutório, além de reconhecer e valorizar as mulheres que foram silenciadas durante a história. O movimento das mulheres, desde os tempos antigos, teve a tradução como importante aliada em suas lutas. Tendo em vista o exposto acima, meu objetivo com este trabalho é dar visibilidade aos artigos e às autoras mencionadas, visto que são perspectivas diferentes, mas que contribuem para o tema. São textos que, de certa forma, se complementam. Não há registros de traduções oficiais para a língua portuguesa de tais textos.

## 1.2 Artigo Científico Como Gênero Textual

O artigo científico é um dos gêneros textuais produzidos no contexto acadêmico, tais como as teses, monografias, dissertações etc. Segundo Marcantônio, os artigos científicos são “resultados de estudos completos de um dado objetivo de pesquisa. Não chegam a constituir-se em matéria para dissertações, teses ou livros. Apresentam as pesquisas realizadas e são publicados em revistas ou periódicos especializados” (MARCANTÔNIO, 1993, p. 71 *apud* COSTA, 2003, p.35).

Os artigos científicos se diferenciam dos outros gêneros desenvolvidos sob a norma acadêmica por serem completos, porém reduzidos. De acordo com Lakatos e Marconi,

[c]Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro. Apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo. São publicados em revistas ou periódicos especializados e formam a seção principal deles. Concluído um trabalho de pesquisa - documental, bibliográfico ou de campo - para que os resultados sejam conhecidos, faz-se necessário sua publicação. Esse tipo de trabalho proporciona não só a ampliação de conhecimentos como também a compreensão de certas questões. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 259)

Dessa forma, os artigos permitem ao leitor uma descrição breve e ampla do objeto estudado, da metodologia utilizada e do resultado obtido, pois sua finalidade é justamente oferecer todas as informações necessárias ao público-alvo de uma maneira compreensível e objetiva, de forma que a experiência possa ser repetida. Os textos científicos têm por objetivo convencer o público da validade da pesquisa relatada (Gomes 1995) e, por isso, apresentam um texto argumentativo. Para Costa (2003), o propósito do artigo científico é

[c] comunicar os resultados de pesquisa, ideias e debates de uma maneira clara, concisa e fidedigna; servir de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação e levar os resultados do teste de uma hipótese, provar uma teoria (tese, trabalho científico). (COSTA, p.36)

Entretanto, os textos científicos — aqui referidos como artigos científicos— devem seguir certas normas já pré-estabelecidas a fim de serem reconhecidos e apresentarem os resultados esperados, como Lakatos e Marconi deixam claro:

Os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas preestabelecidas e com os fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecer subsídios para outros trabalhos. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.234)

Segundo Terra (2015, p. 20), a produção de um artigo científico resulta de um processo vasto de pesquisas, comparações, leituras etc., que se formaliza com uma produção textual, e normalmente, que será publicado apenas depois de uma sabatina de professores. Os artigos

científicos podem ter como base teórica informações primárias ou secundárias, variando de acordo com a metodologia previamente estabelecida ou com os objetivos a serem alcançados.

Visto que o objetivo principal deste trabalho é propor a tradução de dois artigos científicos, é válido ressaltar a importância que o/a tradutor/a — tal qual a do/a autor/a — ao assumir a tarefa de traduzir tais trabalhos. Terra afirma que

[c]O tradutor deve buscar um enfoque funcionalista, no que concerne identificar e fazer uma análise estrutural do texto; desvendar as normas que regem o gênero do texto de partida; analisar o público a que o texto se destina, e buscar, da melhor maneira, alcançar a mesma excelência que o texto de partida se propôs, com o texto de chegada. (TERRA, 2015, p.20)

Desse modo, a função e o objetivo principal do artigo são sempre mantidos, o que muda são as características, estruturas e exigências culturais existentes na língua de chegada.

### 1.3 Estrutura do artigo científico em língua portuguesa

A estrutura do artigo científico em língua portuguesa é semelhante à do trabalho científico e, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), deve conter as seguintes partes:

- 1- Preliminares;
  - a) Cabeçalho – título (e subtítulo) do trabalho.
  - b) Autor(es).
  - c) Credenciais do(s) autor(es).
  - d) Local de atividades.
- 2- Sinopses;
- 3- Corpo do Artigo;
  - a) **Introdução** – apresentação do assunto, objetivo, metodologia, limitações e proposição.
  - b) **Texto** – exposição, explicação e demonstração do material; avaliação dos resultados e comparação com obras anteriores.
  - c) **Comentários e Conclusões** – dedução lógica, baseada e fundamentada no texto, de forma resumida.
- 4- Parte Referencial
  - a) Bibliografia.
  - b) Apêndices ou anexos
  - c) Agradecimentos
  - d) Data (importante para salvaguardar a responsabilidade de quem escreve um artigo científico, em face da rápida evolução da ciência e da tecnologia e demora de certas editoras na publicação de trabalhos)

Embora não mencionado pelos autores, os artigos científicos incluem também referências teóricas e metodológicas como base de suas pesquisas e estudos. Podem ocorrer outras alterações na seção corpo do artigo de acordo com a necessidade do autor de acrescentar tópicos que deem mais detalhes sobre sua pesquisa. Os artigos científicos podem abranger diferentes temas, sendo eles: uma pesquisa pessoal que dê ênfase a algo que já existe, uma abordagem a um tema específico a fim de levar conhecimento ao seu público-alvo, oferecer

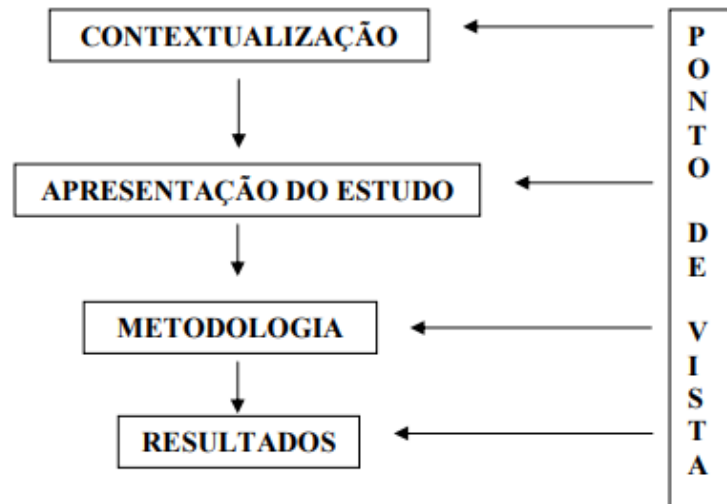


Figura 1 Esquema estrutural de um artigo científico proposto por Gomes. (Fonte: Gomes, 2000, p.72)

soluções a problemas pertinentes etc. Abaixo, uma imagem do esquema estrutural de um artigo científico proposto por Gomes (2000).

#### 1.4 Estrutura do artigo científico em língua inglesa

Os artigos científicos em língua inglesa são de longe os mais comuns no meio acadêmico, pois, de acordo com Calò (2016) o inglês é, sem dúvidas, a língua franca da ciência mundial, sendo assim, é o idioma compreendido pela maioria e permite que pesquisadores de todos os lugares do mundo se comuniquem e compartilhem seus conhecimentos e estudos. Dessa forma, os pesquisadores procuram publicar seus trabalhos em inglês, na busca de alcançar mais pessoas e atrair mais citações. De acordo com Schuster, Levkowitz e Oliveira (2014), os pesquisadores e estudantes não recebem aulas de como realizar uma escrita científica e usam a intuição para escreverem seus trabalhos:

[c] A única maneira de aprender quais são as principais componentes de um artigo e como eles são organizados é por intuição, que pode ser ineficaz e/ou ineficiente, ou

por tentativa e erro, que pode desperdiçar muito de seu tempo e ferir sua confiança<sup>10</sup>.  
(SCHUSTER, LEVKOWITZ e OLIVEIRA, 2014)

Os artigos científicos escritos em língua inglesa estão em ascensão. Em 2020, do total dos artigos publicados em revistas científicas, 95% foram escritos em inglês<sup>11</sup>, Veja abaixo o esquema estrutural de artigo científico em língua inglesa proposto por Schuster, Levkowitz e Oliveira.

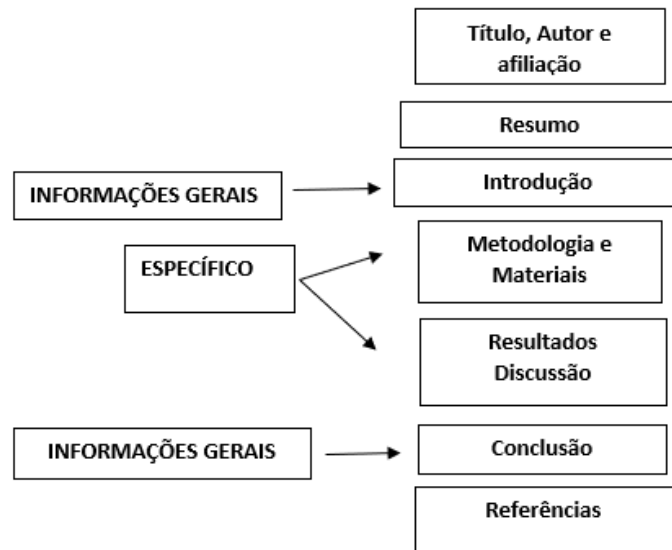


Figura 2 Esquema estrutural de um artigo científico em língua inglesa. Tradução do esquema estrutural proposto por Schuster, Levkowitz e Oliveira. (Fonte: Schuster, Levkowitz e Oliveira, 2014, capítulo 2.)

Assim como o artigo em português, os textos científicos em língua inglesa também utilizam determinadas referências teóricas para justificarem suas pesquisas e estudos. Os artigos aqui traduzidos não seguem totalmente o padrão demonstrado acima, a respeito das informações gerais, ambos não apresentam a metodologia e os materiais que baseiam seus trabalhos, mas apresentam uma discussão fundamentada acerca do tema tradução feminista. Os dois artigos são divididos em tópicos, sem numeração, e apresentam uma linguagem menos técnica, sem termos muito técnicos, e mais reflexiva e crítica.

### 1.5 Diversidade linguística nos artigos científicos

Há muito se sabe que a língua inglesa tem dominado grande parte da comunicação mundial, e no meio acadêmico e científico isso vem crescendo cada vez mais. De acordo com

<sup>10</sup> No original “Their only way to learn what the main components of a paper are and how papers are organized is by intuition, which may be ineffective and/or inefficient, or by trial and error, which may waste a lot of their time and hurt their confidence.”

<sup>11</sup> De acordo com a revista EL PAÍS, disponível em < <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua- apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html>>

o relatório sobre diversidade linguística na academia, a cada dez pesquisadores que não têm espanhol ou português como língua nativa, nove escrevem seus trabalhos em inglês. Segundo o jornal EL PAÍS, responsável por divulgar os dados do relatório, 84% dos pesquisadores ibero-americanos não publicaram seus trabalhos em suas línguas maternas, espanhol e português:

Somente 13% dos cientistas na Espanha apresentaram seus trabalhos em espanhol, 12% no México, 16% no Chile, e com porcentagens por volta de 20% na Argentina, Colômbia e Peru”, conclui o relatório. A situação do português é um pouco mais complexa: 3% dos pesquisadores portugueses e 12% dos brasileiros escolheram sua língua para publicar seus trabalhos, ao passo que os outros o fizeram em inglês. (BONILLA, 2021)

Esses dados mostram que, de certa forma, há um padrão sobre o ambiente acadêmico e científico que valoriza as publicações e as revistas de língua inglesa e excluem as outras línguas. Para o pesquisador e professor de Sociologia e Comunicação da Universidade de Salamanca, Badillo, em entrevista para o jornal EL PAÍS (2021), o problema não é a ciência ser publicada em inglês, mas sim não ser publicada em outras línguas.

Diante desses dados, ficou evidente importância em traduzir os artigos científicos já mencionados e torná-los acessíveis àqueles que não sabem ler em inglês, uma vez que a tradução permite divulgar e repassar conhecimento para todas as línguas.

Neste capítulo foram apresentados os textos trabalhados e uma visão geral sobre suas características, sendo elas de cunho teórico e informativo, pesquisas acerca da tradução feminista com diferentes perspectivas, bem como uma breve análise do seu tipo textual: o artigo científico. Para o objetivo do presente trabalho, é interessante analisar e avaliar como essas características são abordadas dentro dos Estudos da Tradução, tema que será abordado nas páginas seguintes.

## 2. GÊNERO, POLÍTICA E FEMINISMO NA TRADUÇÃO

### 2.1 Tradução Com Base Política

Para Baker, a noção de que as pessoas que traduzem são seres apolíticos e desinteressados, ou apenas condutores de mensagem, ainda é muito presente, sobretudo entre os leigos; mas em oposição à essa ideia, existem vários grupos de tradutores e intérpretes ativistas que usam a tradução como forma de afronta ao *status quo* político (BAKER, 2013, p. 340). Não é possível afirmar que a tradução é exclusivamente um canal de transmissão, ela é mais que isso, a tradução constrói identidades e culturas na língua de chegada, como fica claro na seguinte declaração de Baker:

[...] A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro (BAKER, 2013, p. 340).

Logo, a tradução é uma aliada de extrema importância nas lutas sociais e nas ações coletivas, é através dela que informações são transmitidas, culturas são levadas de uma língua a outra e que histórias são contadas. As pessoas que traduzem não objetivam realizar demandas políticas, mas querem, na verdade, efetuar mudanças graduais de consciência.

Dessarte, a ação política tem seu início logo na escolha do texto a ser traduzido, uma vez que o objetivo das pessoas que traduzem é provocar mudanças, ou seja, suas escolhas despertam reações naqueles que leem suas traduções. Segundo Baker, não há envolvimento do/a tradutor/a em política de identidade, não há uma motivação política externa nas escolhas, mas há uma identificação, é o/a tradutor/a, movido por suas convicções políticas e internas que escolhe qual texto será traduzido, como Baker afirma:

[...] Tradutores e intérpretes ativistas que são, por fim, motivados não por qualquer atributo intrínseco ou compartilhado por indivíduos que formam cada grupo – esses grupos não se envolvem em políticas de identidade – mas por uma identificação com a história ou conjunto de ‘histórias’ que fornecem um norte para suas atividades políticas. Essas histórias estão enraizadas em narrativas mais amplas de justiça global, e não em narrativas de aspirações nacionalistas, por exemplo, ou crenças religiosas (BAKER, 2013, p. 341).

Para Tymoczko (2018, p.2) “a ideologia de uma tradução não reside simplesmente no texto traduzido, mas na voz e na postura do tradutor, e em sua relevância para a audiência receptora.” Dessa forma, cada tradução terá seu efeito ideológico próprio, uma vez que ela se sustentará pelas escolhas particulares da pessoa a traduzir, validando, mais uma vez, o papel do/a tradutor/a como agente político.



Diante disso, o presente trabalho é um exemplo de tradução com base política, tendo em vista seu tema e seus objetivos. A escolha dos textos traduzidos partiu de uma ideologia política minha em usar a tradução para dar voz e visibilidade ao feminismo e as questões de gênero e evidenciar sua importância para os Estudos da Tradução, que serão explorados com mais detalhes aqui.

## 2.2 Um Pouco da “História” do Gênero

Desde os tempos imemoriais, sabe-se que a mulher sempre foi colocada em uma posição de desigualdade em comparação ao homem em todos os aspectos diante da sociedade. Em casa, a mulher deve ser submissa ao seu marido, sendo vista mais como uma serva do que como uma companheira. No trabalho, a mulher, mesmo que tenha o mesmo cargo que outros homens, recebe menos e não é valorizada. Mas por que o gênero feminino é inferiorizado se não há uma explicação científica que comprove a superioridade do gênero masculino?

Segundo Flotow (1997), o feminismo pós-guerra e os outros movimentos de protesto da época desenvolveram uma noção sobre o uso do termo “gênero”, que passou a complementar e estender a diferença sexual biológica. Flotow diz que:

Visto que a diferença sexual biológica dificilmente parecia adequada para explicar as diferenças entre os papéis e oportunidades sociais de homens e mulheres, os movimentos femininos populares e estudiosos desenvolveram e empregaram outras ferramentas e categorias analíticas a fim de compreender tais discrepâncias<sup>12</sup>. (FLOTOW, 1997, p.5)

O termo “gênero” foi desenvolvido e utilizado pelas pensadoras feministas do final dos anos 60 e início dos anos 70 para analisar e compreender a diferença social entre homens e mulheres (Flotow, 1997, p. 5), ainda que seja essa a data indicada por Flotow, o uso de “gender” em publicações foi feito pela primeira vez por John Money (1955) que usou o termo “gender roles”<sup>13</sup>. Para ilustrar melhor essa concepção de “gênero”, Flotow cita Simone de Beauvoir e sua famosa teoria de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, para de Beauvoir, o produto final “mulher” é resultado de educação e de condicionamento impostos a todas as mulheres durante toda sua vida, diferenciando-se umas das outras apenas pela religião, classe social, etnia e outras influências dominantes do lugar em que ela cresce. Simon (1996) afirma que o gênero

---

<sup>12</sup> No original “Since biological sexual difference hardly seemed adequate to explain the differences in men's and women's societal roles and opportunities, grassroots women's movements and scholars developed and employed other tools and analytical categories in order to understand these discrepancies.”

<sup>13</sup> Mais informações sobre a história do conceito de “gênero” podem ser encontradas em Mezerowits 2008 e em Zirbel 2007.

é um elemento de identidade e experiência que, como outras identidades culturais, toma forma através da consciência social. Para ela, “o gênero, portanto, nunca é uma identidade primária que emerge das profundezas do eu, mas uma construção discursiva enunciada em múltiplos locais<sup>14</sup>” (Simon, p. 6).

As feministas brancas dos anos 70 foram muito importantes para abrir caminho para os estudos de gênero devido às suas convicções. Elas tinham como foco dois aspectos: o primeiro era mostrar como a diferença entre homens e mulheres se dava, principalmente, pelo estereótipo condicionado pelo gênero e que, por ser artificial, ele poderia ser minimizado. O segundo aspecto era dar espaço às experiências das mulheres, suas semelhanças e solidariedade em vez de enfatizar suas diferenças. Segundo Flotow:

[c] O gênero era visto como uma forma de condicionamento cultural deliberado que precisava ser criticado e rejeitado, mas que também transcendia as culturas individuais e poderia unir as mulheres em uma força política (Eisenstein, 1983)<sup>15</sup>. (Flotow, 1997, p.6)

Ou seja, o gênero, um aspecto negativo das mulheres — entendido como a base da subordinação feminina que afetava toda a esfera de suas vidas — poderia ser usado então para unir as mulheres de forma estratégica e política.

Diante disso, viu-se a necessidade de criar uma linha de estudos sobre as mulheres, a partir de suas semelhanças, visto que elas foram excluídas do meio acadêmico durante tantos anos. Tal fato marcou a iniciativa de ideias feministas na academia, partindo da premissa de que as reivindicações tradicionais universais de conhecimento eram insustentáveis e que a diferença de gênero na vida das mulheres era algo que precisava ser estudado e compreendido.

Segundo Araújo e Silva-Reis as mulheres negras foram as primeiras a criticarem a universalização da categoria mulher por não virem suas demandas serem atendidas pelo feminismo hegemônico. De acordo com os autores, apenas na década de 90, durante a terceira onda do feminismo, é que o movimento passou a englobar diferentes tópicos, como orientação sexual, raça e identidade de gênero, através da abordagem do feminismo negro, que prioriza as relações interseccionais. O feminismo negro surge como uma forma de evidenciar e atender as pautas das mulheres negras, valorizando suas vivências e experiências, apresentando, assim, o feminismo local, que diferentemente do global, tem como foco a compreensão humanista, a

---

<sup>14</sup> No original, “Gender, therefore, is never a primary identity emerging out of the depths of the self, but a discursive construction enunciated at multiple sites.”

<sup>15</sup> No original, “In other words, it viewed gender as a form of deliberate cultural conditioning that needed to be criticized and rejected, but that also transcended individual cultures and could bond women into a political force (Eisenstein 1983).”

análise e o combate dos múltiplos aspectos da opressão que recaem sobre a mulher de determinada região (ARAÚJO; SILVA-REIS, 2019, p. 203). Para os autores,

[c] A passagem dos postulados do feminismo global para o feminismo local objetiva a busca pela definição e representação mais apurada da mulher, sem emoldurá-la em uma única categoria universal. Dessa forma, a categoria mulher é pluralizada, e as mulheres antes não representadas (negras, latinas e indígenas) passam a possuir representação. Não obstante, a inclusão dessas mulheres cumpre pensar na questão da origem interna ou externa de tais representações. São as negras, as indígenas, as latinas que estão se autodefinindo e representando ou isso jorra de fontes externas? É importante ressaltar que tais representações, mesmo que de origem interna, não são rígidas e universais. Assim, não existirá uma única e correta representação da mulher negra, da mulher latina ou da mulher indígena. Haverá, sim, representações singulares, parciais, localizadas e solidárias, as quais juntas forneceram referências para essas mulheres se auto identificarem, definirem e validarem. (ARAÚJO, SILVA-REIS, 2019, p.206)

Assim, o gênero, sendo parte de uma categoria analítica, motivou estudos em diversas áreas do conhecimento e os Estudos de Gênero ganharam grande destaque entre as abordagens feministas, sociais, filosóficas etc. Judith Butler, uma filósofa feminista, virou referência no assunto após apresentar teorias polêmicas como a performatividade de gênero e sua dualidade, em que aborda a distinção entre sexo e gênero, apresentando esse último como algo socialmente construído e o problema de gênero. Butler diz que,

[c]se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (BUTLER 2003, p. 24)

No que se segue, o gênero passa a ser reconhecido como uma importante categoria analítica e um fator de impacto na sociedade, nas instituições políticas e governamentais, nas instituições educacionais etc. De acordo com Flotow, ele é uma subestrutura básica da sociedade que deve ser examinada, compreendida e analisada em suas diversas funções.

O gênero também é um objeto de pesquisa dentro dos Estudos da Tradução, em que se resgatam mulheres tradutoras esquecidas e excluídas durante a história, e a própria história em si contada e traduzida majoritariamente por homens, sendo eles os responsáveis por definirem a posição da mulher diante da sociedade.

Portanto, nos Estudos da Tradução, o gênero muitas vezes é abordado pelas tradutoras feministas devido à sua insatisfação e às frustrações durante o processo tradutório, expondo, assim, o conteúdo machista e de caráter político de diversos textos. Esse tema será abordado com mais detalhes nas páginas que seguem.

### 2.3 Tradução Feminista

A tradução feminista teve seu início em Quebec, Canadá, no final da década de 1970 e início na década de 1980 como uma prática política e estrutura interdisciplinar para os estudos dos vínculos entre política de tradução e política de gênero. Essa área influenciou os Estudos da Tradução a abordarem o tema “ideologia” nos debates sobre tradução e também contribuiu para a “virada cultural”, que ocorreu nas décadas de 1980 e 1990 e acrescentou diversas e importantes questões aos Estudos da Tradução. No Canadá francófono, os principais nomes desse segmento são Luise Van Flotow, Susanne Lotbinière-Harwood e Sherry Simon. O movimento também se seguiu pela Europa e América do Norte. De acordo com Castro e Ergun (2017), o movimento que surgiu e foi dominado pelo Ocidente vem crescendo cada vez mais em diferentes espaços, desde a América Latina até o Oriente Médio.

Segundo Sherry Simon, os tradutores e as mulheres são, historicamente, as figuras mais fracas em relação às suas respectivas hierarquias, os tradutores servem aos autores, e as mulheres são submissas aos homens. Esse discurso de fragilidade e fraqueza vem acompanhando ambos durante muito tempo, Simon diz que

“Mulheres” e “tradutores” foram rebaixados à mesma posição de inferioridade discursiva. A autoridade hierárquica do original sobre a reprodução está ligada às imagens do masculino e do feminino; o original é considerado o macho gerador forte e a tradução a fêmea mais fraca e derivada<sup>16</sup>. (SIMON, 1996, p. 1)

Assim, fica claro o porquê de a linguagem que nos acompanha ser tão machista, misógina e recheada de um vocabulário que remete à submissão e à dominância.

Os Estudos Feministas da Tradução procuram identificar e criticar esses conceitos e práticas que colocam as mulheres e os tradutores nessa posição de submissão e inferioridade. Segundo Amorim e Costa (2019), a tradução é uma ação transformadora, ela mobiliza não só o contexto em que está inserida, mas também as questões ligadas as identidades propostas pelo texto traduzido, eles afirmam que:

Nesse espaço entre as culturas e as identidades no qual a tradução e o/a tradutor/a se enquadram, as práticas feministas da tradução reconhecem o papel ativo transformador do sujeito, buscando justamente refletir sobre as formas de transformação que devem ou não ser aceitas como válidas. (COSTA E AMORIM, 2019, p. 1231)

---

<sup>16</sup> No original, ““Woman” and “translator” have been relegated to the same position of discursive inferiority. The hierarchical authority of the original over the reproduction is linked with imagery of masculine and feminine; the original is considered the strong generative male, the translation the weaker and derivative female.”

Para Santos, Barboza e Matos, os Estudos Feministas de Tradução têm por objetivo apresentar outras formas de traduzir, levando em consideração as críticas sobre a história da tradução, as práticas e teorias que excluíram as mulheres:

[...] A relação entre os dois campos de estudos não é unidirecional, pois tanto a Tradução incorpora pensamentos dos Estudos de Gênero quanto fornece formas destes se articularem transnacionalmente. Assim, os EFT procuram fomentar a articulação entre os campos, tornando-os ferramentas de resistência, solidariedade e ativismo feminista para além da categoria de gênero, visando uma abordagem interseccional que evidencia múltiplas agendas (SANTOS, BARBOZA e MATOS, 2018, p. 45)

A fidelidade é um tópico que sempre esteve presente nos Estudos da Tradução e para as tradutoras feministas a fidelidade é algo que deve ser direcionado ao processo de escrita, projeto que participam o/a autor/a e o/a tradutor/a, ressaltando a relação entre os papéis sociais e escritos, uma vez que as compreensões de escrita das mulheres sempre foram baseadas nas formas sociais e históricas de práticas de tradução representada pela diferença de gênero. Dessa forma, Simon explica por que a tradução é fundamental na relação entre prática de escrita e prática social:

[...] Por um lado, a tradução foi o meio pelo qual as mulheres, a partir da Idade Média europeia, em particular, puderam ter acesso ao mundo da escrita. Há muito excluídas dos privilégios de autoria, as mulheres recorreram à tradução como uma forma permissível de expressão pública. A tradução continuou servindo como uma espécie de aprendizagem de escrita para mulheres nos séculos XIX e XX. [...] Além disso, a tradução era uma parte importante dos movimentos sociais dos quais as mulheres participavam, como a luta contra a escravidão.<sup>17</sup> (SIMON, 1996, p. 2)

As mulheres, ao longo da história, utilizam a tradução para construir redes de comunicação a fim de evidenciar agendas políticas e sociais. Uma área bastante explorada pelas escritoras feministas foi a sexualidade feminina e o erotismo feminino. Segundo Flotow, as escritoras procuraram desenvolver, de forma experimental, um vocabulário para as partes censuradas ou denegridas da anatomia feminina; assim, as escritoras buscavam criar e utilizar uma escrita mais erótica para se referir à mulher. Flotow (1997, p. 19) cita um exemplo de duas traduções, uma conservadora e uma feminista de uma peça de teatro francesa, sendo a frase original “*Ce soir j’entre dans l’histoire sans relever ma jupe*”, a tradução conservadora e mais “fiel” à original seria “*tonight I shall enter history without lifting up my skirt*”, que no português seria “esta noite eu entro para a história sem levantar a minha saia”, e a tradução feminista mais

---

<sup>17</sup> No original, “[...] On the one hand, translation was the means through which women, beginning in the European Middle Ages, particularly, were able to gain access to the world of letters. Long excluded from the privileges of authorship, women turned to translation as a permissible form of public expression. Translation continued to serve as a kind of writer’s apprenticeship for women into the nineteenth and twentieth centuries. [...] In addition, translation was an important part of the social movements in which women participated, such as the fight against slavery.”

radical seria *"tonight I shall step into history without opening my legs"*, que no português seria “esta noite eu entro para a história sem abrir minhas pernas.” Em outras palavras, a tradução feminista torna mais explícito o que a tradução mais conservadora deixou subentendido, o fato de uma mulher conseguir entrar para a história sem precisar realizar favores sexuais e usar seu corpo para isso. Traduções como esta geraram debates na época sobre quais limites a tradução feminista canadense deveriam respeitar, levando em consideração os aspectos e as mensagens passadas por cada tradução, como Flotow explica:

As discussões entre as mulheres francesas e inglesas muitas vezes se concentraram na questão do erotismo e sua terminologia (Freiwald 1991), por um lado, sobre o problema do empoderamento feminino e por outro lado, sobre a alienação das mulheres entre si. Os debates têm se centrado sobre onde localizar referências ao corpo das mulheres e sua sexualidade em uma escala móvel entre dois polos extremos. E a tradução nem sempre foi uma solução<sup>18</sup>. (FLOTOW, 1997, p. 20)

Dessarte, o intuito das discussões acerca das traduções feministas radicais não eram decidir qual seria a certa ou a errada, mas sim em qual contexto traduções como essa seriam aceitas. Muitas outras tradutoras passaram a adotar abordagens e estratégias baseadas nas traduções feministas experimentais canadenses a fim de expor e ridicularizar as vozes opressoras.

Costa e Amorim (2019) apresentam uma crítica sobre a perspectiva das tradutoras feministas por, de certa forma, agruparem as mulheres em uma vivência única, como se todas tivessem os mesmos problemas e enfrentassem as mesmas dificuldades só por serem do gênero feminino, desconsiderando os interesses e experiências de outras mulheres que não fossem brancas de classe média:

Apelidado pejorativamente de “Feminismo Branco”, esse movimento tinha em comum com a tradução feminista canadense o fato de que buscava igualdade entre homens e mulheres, mas falhava em conseguir compreender a complexidade da existência como mulher em um contexto fora do Ocidente branco de classe alta. [...] Dessa forma, pode-se perceber a partir desse exemplo que teorias que foram tratadas como universais dentro da reflexão acadêmica no final do século XX na verdade não se aplicam a todas as realidades e é a partir dessa crítica que surgem os novos caminhos da discussão feminista dentro dos Estudos da Tradução. (2019, p. 1239)

Isto posto, fica claro que os Estudos Feministas da Tradução ainda precisam ser muito explorados e teorizados, para que possam abranger todas as mulheres, levando em consideração suas origens, vivências e experiências pessoais.

---

<sup>18</sup> No original, “Discussions between French and English women have often focused on the issue of eroticism and its terminology (Freiwald 1991), on the problem of women's empowerment on the one hand and their alienation from each other on the other; debates have raged about where to locate references to women's bodies and their sexuality on the sliding scale between two extreme poles. And translation has not always been a solution.”

As tradutoras feministas canadenses têm um papel fundamental no desenvolvimento desse segmento dos Estudos da Tradução, pois graças às suas reflexões e questionamentos que obtivemos grandes avanços acerca do papel e da valorização da mulher e das questões de gênero. As descobertas e redescobertas de tradutoras e autoras que foram silenciadas e excluídas da história só foram possíveis graças aos esforços das tradutoras e escritoras feministas da década de 90.

Na América Latina, o projeto *Translocas*, fundado em 2000, a partir de uma mesa redonda organizada por Sonia E. Alvarez e Claudia de Lima Costa, no Congresso da Associação dos Estudos Latino-Americanos (LASA), representa um “projeto político e uma episteme para apreender e negociar as Américas globalizadas” (COSTA, 2009, p. 740). No Brasil, a revista *Estudos Feministas*, criada em 1992, no Rio de Janeiro, publica textos originais em forma de artigos, ensaios e resenhas, sobre gênero, feminismos e sexualidades, tanto relativos a uma determinada disciplina quanto interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia (REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS). Segundo Costa (2003), que foi coeditora da revista de 1998 a 2002, ela tem três principais objetivos, sendo eles,

[c] primeiro, servir de canal de expressão dos movimentos sociais de mulheres; segundo, difundir o conhecimento de ponta na área dos estudos feministas, ampliando e aprimorando esse campo de estudo, não apenas entre especialistas, mas também entre este e os demais campos do conhecimento; terceiro, ao afirmar os estudos de gênero como campo pluridisciplinar; voltar-se também para as demandas sociais, servindo de canal de expressão e aprimoramento da discussão feminista. (COSTA, 2003, p. 258)

Dessa forma, a revista proporciona acesso ao público brasileiro a temas tão importantes e as questões teóricas existentes na teoria feminista. Assim, fica claro que não é apenas modificando textos que se pode ampliar a voz das mulheres, mas também ao escolher como projeto de tradução trabalhos com textos escritos por mulheres, defendendo determinado ponto de vista que traz reflexões sobre as relações entre a tradução e o papel ocupado por mulheres em geral e por tradutoras.

Dessarte, a escolha dos textos traduzidos faz parte da vontade de ampliar as vozes das mulheres e das teorias feministas existentes, o artigo de Luise Von Flotow, *Translating Woman*, apresenta uma reflexão acerca da história da tradução e das mulheres, e a retradução de textos fundamentais, como a Bíblia, e seu ponto de vista sobre o termo “gênero”. Flotow apresenta a teoria Queer e faz uma leve crítica sobre a não categorização dessa teoria, e ainda divulga dois importantes trabalhos que marcam o interesse pelas mulheres e pela tradução, valorizando-as como indivíduo e como grupo.

O artigo de Alka Vishwakarma, *Is there a Feminist Way of Studying Translation*, aborda uma perspectiva menos “radical” sobre a relação da tradução, linguagem e consciência de gênero, em que o/a tradutor/a deve se render ao texto em primeiro lugar e respeitar os limites da linguagem, defendendo que a escrita e a tradução são interdependentes.

De acordo com Simon, a tradução refere-se a um processo de transferência interlinguística. Os tradutores comunicam, reescrevem e manipulam um texto para torná-lo acessível a um público estrangeiro, e o papel da linguagem não é o de apenas espelhar a realidade, mas sim de contribuir para a construção de tal. Dessa forma, é possível utilizar a linguagem como intervenção cultural, com o intuito de alterar expressões de dominação. Para Schaffer (2010) a linguagem incide na formação dos sujeitos e os constitui de forma poderosa.

Como Depêche (2000) afirma, nenhum texto é puro ou inocente e, assim, o texto é uma encarnação de uma luta política conduzida. A autora complementa que a própria língua não pode, por si só, ser uma pura representação do mundo, visto que ela é também uma intervenção:

De fato, a intervenção é reveladora de muitas aporias decorrentes da própria língua, pois ela própria não pode ser pura representação do mundo, já que nele é também intervenção. As palavras, signos arbitrários como observou Saussure no início do século XX, não deixam de ser, entretanto, instrumentos poderosos, geradores de imagens e de violência. A linguagem, inserida no mundo do qual é parte constitutiva, é igualmente assim uma instituição social que, como qualquer instituição, representa “[...] um lugar de exercício do poder, e o alvo de ataques facciosos. (DEPÊCHE, 2000, p. 159)

Sendo assim, as palavras e a linguagem ocupam um lugar de poder em meio à sociedade, pois são influentes para gerar conflitos, violências, disseminar notícias, posicionamentos políticos, ideologias etc.

Neste capítulo foram explorados os temas de gênero, tradução e política na tradução, inicialmente apresentando o/a tradutor/a como agente político, desde sua escolha de texto, até o processo de tradução. O interesse em aprofundar os estudos acerca do “gênero” foi bastante influente no segmento da tradução feminista, que aborda essa relação entre tradução, mulher e gênero. Dessa forma, a partir das explicações apresentadas neste capítulo, o processo tradutório e a metodologia utilizada para justificar e basear as traduções são de suma importância para validar as decisões do/a tradutor/a, no próximo capítulo abordarei a metodologia utilizada para traduzir os textos já mencionados e explicar e justificar as minhas escolhas e soluções.



### 3. METODOLOGIA E DISCUSSÃO DA TRADUÇÃO

Á vista do que foi explicado anteriormente, o propósito deste trabalho é proporcionar aos falantes da língua portuguesa brasileira acesso aos textos ainda desconhecidos e transmitir a mensagem das autoras de um tema tão pertinente como a tradução feminista, sendo assim, buscando a melhor forma de manter o sentido e transmitir com clareza a real intenção das autoras, foi utilizado, durante o processo de tradução, a teoria funcionalista e a tradução comentada, que permitem que o/a tradutor/a se coloque no texto como um ser político e não preso as amarras da equivalência. Abaixo, tais teorias são explicadas com mais detalhes.

#### 3.1 Tradução Comentada

A respeito da tradução comentada, Torres (2015, p.2) declara que “o comentário de uma tradução auxilia a interpretação e, à primeira vista, esta seria a principal função do comentário”, neste sentido, o comentário feito pelo/a tradutor/a antecede a tradução, uma vez que, para que a tradução seja feita, é preciso comentar. Ou seja, embora traduzir e comentar sejam duas ações distintas, elas podem, por muitas vezes, se substituírem, como Torres explica:

[...] fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários. A tradução ainda tem uma vantagem sobre o comentário, uma vez que transporta com ela, quando bem sucedida, a polissemia do texto “original”, original entre aspas, pois considero a tradução também como um original.

Para Torres, o comentário de tradução pode ser considerado um gênero acadêmico-literário, e seu caráter literário decorrerá do autor e do objeto de estudo, como a autora explica:

Na minha opinião, o gênero tradução comentada poder ser definido por algumas características que tento elencar aqui: O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário; O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto); O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários etc. dessas decisões; O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução. O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução (TORRES, 2015, p. 18).

Ainda para Torres, as análises que podem ser feitas na tradução comentada dependem tanto do texto quanto do/a tradutor/a (e comentarista). Sabe-se que nem tudo é passível de análise, devem ser feitas escolhas a partir dos objetivos e prioridades pré-estabelecidos.

Após uma pesquisa acadêmica realizada quanto às publicações referentes a esse gênero textual em universidades brasileiras, revistas online e traduções publicadas por editoras, duas denominações foram frequentemente encontradas: “tradução comentada” e “tradução anotada”,

não havendo definições diferenciadas para os termos e, em alguns casos, autores utilizavam as duas denominações “tradução comentada e anotada.” (Zavaglia, 2015, p. 333).

Williams e Chesterman (2002) apresentam a tradução comentada ou tradução anotada como uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o/a tradutor/a, ao mesmo tempo, traduz o texto e escreve um comentário, que pode ser feito de diferentes formas, tais como:

[...] Discussões sobre o processo de tradução, uma análise dos aspectos do texto fonte e uma justificativa fundamentada quanto às soluções que você encontrou para tipos particulares de problemas de tradução. Tal pesquisa tem como valor a contribuição que o aumento da autoconsciência pode dar à qualidade da tradução. Você também pode mostrar se encontrou alguma orientação útil para suas decisões de tradução<sup>19</sup>. (WILLIAM e CHESTERMAN, 2002, p. 7)

Sendo assim, pode-se considerar como tradução com comentários ou tradução anotada, qualquer análise crítica relacionada aos textos de partida e de chegada.

Diante desses aspectos, abre-se a perspectiva de que os comentários na tradução são formas explícitas de dar visibilidade ao/à tradutor/a, para que estes se coloquem no texto como agentes políticos e não neutros e para que suas decisões e escolhas tradutórias sejam valorizadas. Muitas vezes as traduções são publicadas sem ao menos mencionar o nome do/a tradutor/a e isso contribui para a ideia de que a tradução é apenas um canal de transmissão.

Embora em muitas traduções haja prefácios, posfácios e notas de rodapé, que podem ser, em certo nível, comparados aos comentários de tradução, estes se distinguem dos comentários por sua atividade exterior, o leitor e seu percurso de leitura. (Zavaglia, 2015, p. 336) Zavaglia acrescenta que, no caso de um trabalho acadêmico, os comentários não são complementos da tradução, ela explica que

[...] ambos integram um mesmo conjunto e, embora algumas vezes independentes, são, no contexto da leitura, seja dos membros da banca julgadora, seja dos estudiosos interessados, componentes de igual importância, já que um não tem razão de ser sem o outro. Nesse sentido, o comentário também pode ser visto como uma modalidade de tradução, uma vez que ele traduz a própria tradução. (ZAVAGLIA, 2015, p. 336)

Vejam, a partir do trecho do trabalho de Silva, conforme sua pesquisa em relação às notas na obra de Torres Filho, alguns dos tipos de notas que podem ser empregados nas traduções:

Elas podem ser classificadas do seguinte modo: 1) notas — ou, em alguns casos na tradução de Fichte, parênteses — que indicam o termo ou a frase no original; 2) notas

---

<sup>19</sup> No original, “[...] Discussions of the translation assignment, an analysis of aspects of the source text, and a reasoned justification of the kinds of solutions you arrived at for particular kinds of translation problems. One value of such research lies in the contribution that increased self-awareness can make to translation quality. You might also want to show whether you have found any helpful guidelines for your translation decisions”.

que visam esclarecer determinados conceitos. Estas se subdividem, por sua vez, em quatro subgrupos: 2.1) nas que retraçam a relação vertical do conceito com a tradição filosófica anterior à obra; 2.2) as que indicam elementos da história da recepção e transformação desse conceito; 2.3) as que analisam a relação vertical do conceito dentro da obra do autor como um todo; e 2.4) as que estudam a relação do conceito dentro do seu contexto mais restrito, ou seja, dentro do próprio texto traduzido. Além disso, encontramos ainda: 3) notas que procuram destacar as relações de assonância e eufonia do termo original; 4) notas que indicam detalhes, correções, adendos ou rasuras do manuscrito, ou que apontam para erros ou variantes das diferentes reedições; 5) notas que ressaltam o uso de "estrangeirismo" no original; 6) notas que esclarecem quem são as pessoas, autores e obras mencionados; 7) notas que indicam que o texto já aparecia no original em determinada língua estrangeira; 8) notas que fornecem variantes de tradução e/ou de interpretação; e finalmente 9) notas simplesmente irônicas. (SILVA, 1998, p.34)

À vista do que foi explanado acima, nas traduções propostas dos artigos científicos, foram usados os tipos de notas em que há explicações de fatos e explicações linguísticas para que fique claro a intenção da autora na transmissão da mensagem. Os exemplos das notas mencionadas são dados na seção sobre os comentários de tradução.

### **3.2 Tradução Funcionalista**

Até meados de 1970, a tradução ainda era vista como mera transferência de códigos de uma língua para outra, baseada na busca assídua por equivalentes. Assim, o funcionalismo surge nesse mesmo período para “apresentar uma nova perspectiva comunicativa pautada no contexto e na intenção do emissor” (Polchlopek, 2012, p. 25) e, portanto, romper a barreira da equivalência e da relação de arbitrariedade entre o significante e o significado da língua. Por conseguinte, a tradução passou a ser vista como um ato ou uma ação comunicativa, contribuindo para os Estudos da Tradução a partir dessa nova perspectiva de processo de produção textual e noção de texto.

Vermeer (1996) apresenta a teoria do *skopos* (palavra de origem grega que significa propósito) e a partir dela, a tradução é guiada por um propósito e o *skopos* de cada tradução é determinado pela função que o texto alvo se destina a desempenhar (NORD, 2016, p. 53). Ou seja, uma vez que o propósito for estabelecido, ele deve ser alcançado na cultura do texto de chegada, a partir de diversas questões que o/a tradutor/a passa a considerar no processo tradutório e no processo de produção textual, tendo sempre o leitor como foco principal, Polchlopek diz que

[...] Nesse sentido, o que importa não é a equivalência ou a fidelidade ao texto-fonte, mas se a tradução conseguiu cumprir ou não as necessidades do seu iniciador, isto é, quem solicitou a tradução (autor, tradutor ou outra pessoa que não tenha necessariamente escrito o texto), de maneira apropriada ao seu leitor e contexto final. Dessa maneira, a tradução passa a existir como texto independente na cultura de chegada. (POLCHLOPEK, 2012, p.26)

Assim, o funcionalismo na tradução se concentra, principalmente, na função inerente ao texto e às traduções. Nord declara que a relação entre a situação e o texto é a base principal para a decisão do que pode ser uma tradução. De acordo com a autora,

O texto é tão intimamente ligado com o seu propósito que parece não existir nenhum outro tipo de responsabilidade e, sim, uma liberdade absoluta no que diz respeito ao texto fonte. O tradutor, aqui, é unilateralmente comprometido com a situação alvo. Em nossa opinião, no entanto, não pode haver processo de “tradução” sem um texto fonte. (NORD, 2016, p. 61)

Sendo assim, ao traduzir um texto para uma nova cultura e um novo contexto, deve-se levar em conta aspectos fundamentais durante o processo tradutório, tais como: o novo público-alvo pensa, age, observa e avalia o mundo de forma diferente, assim, ao traduzir um texto a partir da teoria funcionalista, é necessário analisar as quatro questões básicas: para quem eu quero dizer isso; por que quero dizer isso; como vou dizer isso e para quem eu digo isso. (Polchlopek, 2012, p. 23)

No que diz respeito ao processo tradutório, Nord apresenta o modelo circular, que é dividido em dois passos. O primeiro passo é a análise ou interpretação do *skopos* (propósito) do texto-fonte. O segundo passo é uma análise do texto-fonte, que se divide em duas partes: na primeira, o/a tradutor/a precisa observar se o texto fonte apresenta material compatível com as exigências pré-estabelecidas. Na segunda parte, é necessária uma análise detalhada, que abranja todas as categorias e elementos do texto-fonte.

Após essas análises, o/a tradutor/a consegue identificar os elementos relevantes para a tradução e, caso seja necessário, adaptá-los para o propósito da tradução. Nord afirma que o/a tradutor/a precisa decidir quais elementos apropriados da língua-alvo serão adequados para a função do texto alvo. (Nord, 2016, p. 70) O último passo é a estruturação do texto alvo, que, segundo a autora, se o/a tradutor/a obtiver sucesso na produção de um texto funcional, o texto alvo corresponderá ao *skopos* do texto alvo. Abaixo, uma imagem do processo de tradução de modelo circular descrito por Nord.

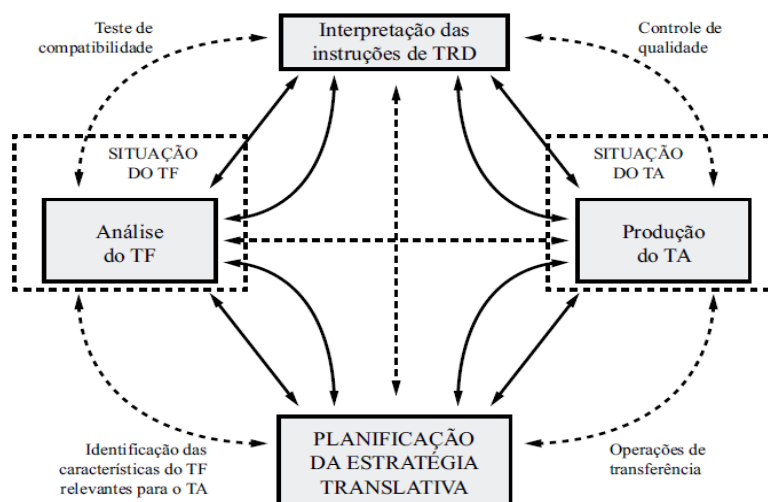


Figura 3 Processo de tradução de modelo circular. (Fonte: Nord, 2016, p. 72.)

Na teoria funcionalista o/a tradutor/a assume um papel mais relevante e menos automático e mecânico de outras teorias. Polchlopek explica que além de dominar as línguas envolvidas no processo, o/a tradutor/a também precisa ser bicultural, e conhecer a fundo as culturas presentes no contexto, mantendo o sentido e as intenções do autor. A autora acrescenta ainda que:

A figura do tradutor ganha uma relevância maior à medida que focaliza aspectos pragmáticos e culturais da língua, enfatizando a natureza específica da competência tradutória como algo que vai além da proficiência linguística para a proficiência das particularidades culturais dos grupos sociais envolvidos no processo de tradução. (POLCHLOPEK, 2012, p. 28)

Para Nord, o/a tradutor/a possibilita a interação entre diferentes culturas, sendo uma ponte para as situações que não há comunicação entre os contextos envolvidos, segundo ela:

[...] Os tradutores permitem a comunicação entre membros de diferentes comunidades culturais. Eles fazem a ponte entre situações em que as diferenças de comportamento verbal e não verbal, expectativas, conhecimentos e perspectivas são tais que não há espaço comum suficiente para que o remetente e o receptor se comuniquem efetivamente por si mesmos<sup>20</sup>. (NORD, 1997, p.17)

Assim, voltando às análises do texto fonte, Nord apresenta os fatores extratextuais e intratextuais. Ela explica que a função comunicativa é o critério determinante para a textualidade, à qual as características semânticas e sintáticas do texto são subordinadas. (Nord, 2012, p.73)

Os fatores extratextuais ou fatores externos são aqueles que determinam a função comunicativa do texto fonte e podem ser verbalizados no próprio texto. De acordo com Nord,

Os fatores extratextuais são analisados mediante a solicitação de informações sobre o autor ou emissor do texto (quem?), a intenção do emissor (para quê?), o público para o qual o texto é direcionado (para quem?), o meio ou canal pelo qual o texto é comunicado (por qual meio?), o lugar (em qual lugar?), o tempo da produção e recepção do texto (quando?) e o motivo da comunicação (por quê?). O conjunto de informações referentes a esses sete fatores extratextuais pode fornecer uma resposta à última questão, que diz respeito à função que o texto pode alcançar (com qual função?). (NORD, 2016, p. 75)

Alguns exemplos dos fatores extratextuais:

---

<sup>20</sup> No original, “[...] Translators enable communication to take place between members of different culture communities. They bridge the gap between situations where differences in verbal and non-verbal behaviour, expectations, knowledge and perspectives are such that there is not enough common ground for the sender and receiver to communicate effectively by themselves.”

<b>Quem transmite</b> Para <b>quê</b> Para <b>quem</b> Por <b>qual meio</b> Em <b>qual lugar</b> <b>Quando</b> Por <b>quê</b> Com <b>qual função</b>	Sobre <b>qual assunto ele diz</b> O <b>quê</b> (o <b>que não</b> ) Em <b>qual ordem</b> Usando <b>quais elementos não verbais</b> Com <b>quais palavras</b> Em <b>quais orações</b> Com <b>qual tom</b>
Com <b>qual efeito?</b>	

*Figura 4 Exemplos de fatores extratextuais fornecidos por Nord (Fonte: Nord, 2016, p. 74)*

Os fatores intratextuais são analisados de acordo com as informações sobre qual assunto o texto trata, que depois são analisados antes mesmo da leitura, observando em que situação o texto é utilizado. De acordo com Nord,

Os fatores intratextuais são analisados mediante solicitação de informações sobre o tema de que o texto trata (sobre qual assunto?), a informação ou conteúdo apresentados no texto (o quê?), as pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (o que não?), a estruturação do texto (em qual ordem?), os elementos não linguísticos ou paralinguísticos que acompanham o texto (utilizando quais elementos não verbais?), as características lexicais (com quais palavras?) e as estruturas sintáticas (com/em quais orações?) que são encontrados no texto, e as características suprasegmentais de entoação e prosódia (com qual tom?). (NORD, 2016, p. 75)

Dessarte, a partir das explicações apresentadas por Nord sobre os fatores extratextuais e intratextuais, abaixo segue um questionário fornecido pela autora para apresentar e analisar as questões referentes às traduções propostas por mim.

<b>FATORES EXTRATEXTUAIS</b>		
<b>Fonte: Maria Paula, com base em Nord 2016</b>		
	<b>Texto Fonte</b>	<b>Texto Alvo</b>
<b>Emissor</b>	Luise Von Flotow	Maria Paula
<b>Intenção do Emissor</b>	Apresentar sua pesquisa acerca do gênero nos Estudos da Tradução e tradução feminista.	Possibilitar o acesso aos falantes da língua portuguesa as obras de Luise Von Flotow a fim de dar visibilidade ao tema tradução feminista
<b>Receptor</b>	Estudiosos da tradução feminista/ feministas/ estudantes de tradução.	Estudiosos da tradução feminista/ feministas/ estudantes de tradução.
<b>Meio</b>	<i>Quaderns</i> , Revista de tradução da Universidade Pública de Barcelona	Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília.
<b>Lugar</b>	Otawa, Canadá	Brasília, Brasil.
<b>Tempo</b>	2012	2020
<b>Motivo</b>	Apresentar sua perspectiva sobre a importância do tema “mulher e a tradução.”	Propor uma tradução para o texto a fim de expor as ideias e o discurso da autora.
<b>Função Textual</b>	Informativo	Informativo
<b>FATORES INTRATEXTUAIS</b>		
	<b>Texto Fonte</b>	<b>Texto Alvo</b>
<b>Assunto</b>	Tradução feminista	Tradução Feminista
<b>Conteúdo</b>	Discute o tema gênero na tradução e aborda o assunto “mulher e tradução”	Discute o tema gênero na tradução e aborda o assunto “mulher e tradução”
<b>Estruturação</b>	Artigo Científico, dividido em tópicos.	Artigo científico, dividido em tópicos.
<b>Léxico</b>	Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo.	Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo
<b>Sintaxe</b>	Elaborada	Elaborada
<b>Efeito do Texto</b>	Propor uma reflexão acerca dos conteúdos mencionados no texto.	Propor uma reflexão acerca dos conteúdos mencionados no texto.

<b>FATORES EXTRATEXTUAIS</b>		
<b>Fonte: Maria Paula, com base em Nord 2016</b>		
	<b>Texto Fonte</b>	<b>Texto Alvo</b>
<b>Emissor</b>	Alka Vishwakarma	Maria Paula
<b>Intenção do Emissor</b>	Apresentar sua pesquisa acerca do gênero nos Estudos da Tradução e tradução feminista.	Possibilitar o acesso aos falantes da língua portuguesa as obras de Alka Vishwakarma e abordar o tema de tradução feminista
<b>Receptor</b>	Estudiosos da tradução feminista/ feministas/ estudantes de tradução.	Estudiosos da tradução feminista/ feministas/ estudantes de tradução.
<b>Meio</b>	Livro <i>Translation, Nation and Society Knowledge</i>	Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília.
<b>Lugar</b>	Índia	Brasília, Brasil.
<b>Tempo</b>	2019	2020
<b>Motivo</b>	Apresentar sua perspectiva acerca dos temas gênero, tradução e identidade política	Propor uma tradução para o texto afim de expor as ideias e o discurso da autora.
<b>Função Textual</b>	Informativo	Informativo
<b>FATORES INTRATEXTUAIS</b>		
	<b>Texto Fonte</b>	<b>Texto Alvo</b>
<b>Assunto</b>	Tradução feminista	Tradução Feminista
<b>Conteúdo</b>	Discute a tradução a partir da perspectiva feminista, abordando as teóricas existentes.	Discute a tradução a partir da perspectiva feminista, abordando as teóricas existentes.
<b>Estruturação</b>	Artigo Científico, dividido em tópicos.	Artigo científico, dividido em tópicos.
<b>Léxico</b>	Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo.	Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo
<b>Sintaxe</b>	Elaborada	Elaborada
<b>Efeito do Texto</b>	Propor uma reflexão acerca dos conteúdos mencionados no texto.	Propor uma reflexão acerca dos conteúdos mencionados no texto.

O levantamento dessas informações é fundamental para guiar as escolhas tradutórias e, por conseguinte, o tipo de nota que será usado pelo/a tradutor/a, uma vez que suas questões esclarecem as principais escolhas durante o processo de tradução, como, por exemplo, público-alvo, motivo, efeito do texto, assunto etc.

Por último, é importante ressaltar que as notas de tradução são essenciais para orientar o leitor no seu processo de leitura. Segundo Zavaglia, Renard e Janczur, “o comentário também pode ser visto como uma modalidade de tradução, uma vez que ele traduz a própria tradução” (Zavaglia, Renard e Janczur, 2015, p. 337).



### 3.3 COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

Nesta seção, pretende-se detalhar o processo tradutório e as notas inseridas nas traduções com base nas teorias acima mencionadas. As traduções foram realizadas com a ajuda da *CAT Tool Smartcat*, e utilizei os sites online *Linguee*, *Proz.com* e a ferramenta de busca do Google para pesquisar termos mais complexos que trouxeram dúvidas em relação a tradução. O processo tradutório foi realizado sem grandes problemas com relação ao vocabulário, visto que o nível de dificuldade do texto não era alto, pois, embora de cunho técnico, os textos não apresentam uma linguagem complexa ou carregada de termos específicos, por abordarem um tema mais reflexivo e crítico. Aqui, cito algumas das minhas escolhas tradutórias, dificuldades de tradução e meus comentários acerca dos artigos científicos traduzidos. Na tabela abaixo, o Texto 1 se refere ao *Is there a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language and Identity Politics*, e o Texto 2 se refere ao *Translating Women: From Recent Histories and Re-translations to «Queering» Translation, and Metramorphosis*.

#### 3.3.1 Notas explicativas

As notas explicativas foram as mais utilizadas durante o processo. As autoras fazem referências a diversas figuras importantes para a contextualização do tema em questão, sendo assim, ficou evidente a necessidade de acrescentar notas sobre essas mulheres para que o leitor entendesse completamente as citações, referências e exemplos propostos pelas autoras, e sempre que necessário, foram colocadas as devidas referências para as informações, inclusive uma seção para as referências bibliográficas das notas independente das referências dos textos fonte foi feita. Abaixo, elenco alguns exemplos do que foi citado acima.

a) **Texto 1:** “Since 1980s there have been certain developments that have led to the rise of **‘the cultural turn’**; this addition of culture has rendered a significant dimension to translation (Bassnett & Lefevere 1990)” (página 77)

**Tradução** “Desde os anos 80 ocorreram alguns desdobramentos que levaram ao surgimento da **“virada cultural”** e essa adição de cultura proporcionou uma dimensão significativa à tradução (Bassnett; Lefevere, 1990).” (página 87)

**Nota:** A virada cultural aconteceu nos 80 e marcou o começo de estudos sobre gênero, ideologia, pós-estruturalismo e pós colonialismo dentro dos Estudos da Tradução.  
Página

b) **Texto 1** “As the arrival of deconstruction and **post-structuralism** has aroused the plurality of meaning; and therefore there is no ‘single speaking subject’.” (página 78)

**Tradução** “A chegada da desconstrução e do **pós-estruturalismo** despertou a pluralidade de significados, e logo, não há "um único sujeito falante". (página 87)

**Nota:** O pós-estruturalismo surge como uma forma de repensar e reanalisar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais (AGUILAR e GOLÇALVES, 2017, p.37).

c) **Texto 1** “Feminist translators came to the surface concealing their intentions to analyze their oppression through language. They not only castigated the ‘**phallogocentric**’ language but advocated for the emergence of a language which will serve as an antonym to ‘phallogocentrism’ and which could be called ‘gynocentric’. (página 78)

**Tradução** “As tradutoras feministas vieram à tona ocultando suas intenções de analisar a opressão através da linguagem. Elas não apenas repreenderam a linguagem “**falogocêntrica**”, mas defenderam o surgimento de uma linguagem que serve de antônimo ao falocentrismo e que pode ser chamada de “ginocêntrica”. (página 88)

**Nota:** Termo cunhado por Jacques Derrida combinando as palavras falocentrismo e logocentrismo para produzir uma crítica às teses de Jacques Lacan no célebre seminário sobre o conto de Edgar Allan Poe, “The Purloined Letter”, que Derrida considera pecar por falocentrismo. [...] Na crítica feminista, o termo denota a dominação masculina, evidente no fato de o falo ser sempre aceite como o único ponto de referência, o único modo de validação da realidade cultural. A sociedade dominada pelo falocentrismo olha sempre a mulher com base na sua relação com o homem, deixando prevalecer os aspectos que lhe faltam por oposição à plenitude do homem. (CEIA, 2019)

d) **Texto 1** “There have been abolitionist writings which helped to pave path for the anti-slavery movement. Women Writing in India (two volumes) has been edited by **Tharu and Lalita** (1993)” (página 79)

**Tradução** “Existiram obras abolicionistas que ajudaram a abrir caminho para o movimento anti-escravidão. Women Writing in India (dois volumes) foi editado por **Tharu e Lalita** (1993) e procura recuperar os textos esquecidos.” (página 88)

**Nota:** Susie Tharu é uma escritora, professora e ativista indiana. Ela é fundadora da Stree Shakti Sanghatana (SSS) e do Centro de Pesquisa Anveshi para Estudos da Mulher. Suas áreas de pesquisa são feminismo, teoria cultural e história da Índia e estudos culturais de saúde/ K. Lalita é diretora do Centro de Pesquisa Anveshi para Estudos da Mulher da Universidade de Osmania, em Hyderabad

e) **Texto 2** “One can only speculate on these matters, but the fact is that since the advent of what have come to be called «**queer theories**», which generated this discursive solution to problems of essentialism and identity politics that plagued feminisms, there has been a notable decline in research relating to women and translation.” (página 52)

**Tradução** “É possível apenas especular sobre estes assuntos, mas o fato é que desde o advento das chamadas "**teorias queer**", que geraram uma solução discursiva para problemas de essencialismo e políticas de identidade que atormentavam os feminismos, houve um declínio considerável nas pesquisas relacionadas às mulheres e à tradução” (página 67)

**Nota:** A teoria queer surgiu na década de 90 do século XX e teve como referencial teórico os estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler. Ela foi originada do encontro dos estudos culturais norte americano com o pós-estruturalismo francês. Os estudos queer adquire todo seu poder com a invocação que o relaciona com patologias e insultos e representam a transgressão quanto a uma sociedade heteronormativa, destacando a realidade social e cultural de uma minoria excluída - os homossexuais. Dessa forma, ser queer é pensar na ambiguidade, na multiplicidade e na fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura. (COUTINHO e CÉSAR)” página

f) **Texto 2** “While queer theory in the humanities derives from feminisms, as does the term «**intersectionality**» in the social sciences, these approaches have had the effect of softening, if not completely dispersing, the category of «women».” (página 52)

**Tradução** “Enquanto a teoria queer nas ciências humanas deriva dos feminismos, assim como o termo "**interseccionalidade**" nas ciências sociais, essas abordagens geraram o efeito de suavizar, senão de dispersar completamente, a categoria de "mulheres"." (página 68)

**Nota:** O termo interseccionalidade é um conceito sociológico relacionado as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias. (POLITIZE, 2020) página

### 3.3.2 Adaptações para a cultura brasileira

No que diz respeito das escolhas tradutórias, mantive a estrutura do texto fonte, mas fiz mudanças na formatação dos artigos para aproximar os leitores do texto e fluir a leitura, de forma a não causar estranhamento, por exemplo, alterei o modelo de citação para o modelo ABNT, pois é o mais utilizado nos artigos em português, embora algumas revistas estejam

adotando, por questões de indexação, os sistemas estrangeiros MLA e APA. Abaixo, um exemplo.

- g) **Texto 1** “Simon cites Nicole Ward Jouve who has asserted that translation occupies a “(culturally speaking) female position” (**Simon 1996: 01**)” (página 77)

**Tradução** “Simon cita Nicole Ward Jouve, que afirmou que a tradução ocupa uma “posição feminina” (culturalmente falando) (**Simon, 1996, p. 01**)” (página 87)

A linguagem inclusiva também foi adicionada nos textos para promover a inclusão do feminino nos textos, pois conforme já dito anteriormente, a história da nossa sociedade foi majoritariamente escrita por homens, o que foi crucial para colocar a mulher em posição de inferioridade e submissão. Dessa forma, a linguagem patriarcal, que contém expressões machistas e misóginas, também usa os termos no masculino para generalizar as conversas, pessoas etc., independentemente do contexto. Um exemplo comum desse “costume” é que se em uma sala estiver cinco mulheres e apenas um homem, ao se referirem a essas pessoas, geralmente, usam a palavra “todos”, no masculino, mesmo que as mulheres sejam a maioria.

Com o surgimento dos movimentos feministas, questões como essa foram colocadas em pauta e propostas de linguagem inclusiva foram apresentadas. Segundo Cabral (2006 apud Iliovitz e Miranda, 2007), o conceito de linguagem inclusiva de gênero se dá pela inclusão do feminino na elaboração linguística a partir da proposta de utilização dos termos masculinos e femininos na construção da linguagem, ou seja, “incluir o feminino nos enunciados da linguagem.” (Iliovitz e Miranda 2007, p.2) Para Araújo e Teixeira (2021), uma das formas de promover a igualdade de gênero é através do uso não sexista da linguagem.

De acordo com Covas e Bergamini (2021), a linguagem inclusiva é considerada ampla por abranger situações que não se prendem somente às questões de gênero:

A linguagem inclusiva, por sua vez, teria um espectro mais amplo, já que, conforme o manual de Comunicação Inclusiva do Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia, editado em 2018, pode assumir as seguintes vertentes: (1) a da linguagem sensível à questão de gênero, que visa evitar a aplicação de estereótipos dos papéis de homens e mulheres; (2) a da linguagem utilizada para fazer referência a pessoas com deficiência; (3) e de outras que sejam isentas de preconceitos. (COVAS e BERGAMINI, 2021, p. 54901)

Abaixo, apresento um exemplo de como abordei a linguagem inclusiva nos textos.

- h) **Texto 2** “No translation is the production of only the translator. For one thing, the source text and author are involved: they become more or less meaningful or useful at different moments in a culture, more or less interesting for translation or re-translation.” (página 50)

**Tradução** “Nenhuma tradução é produção apenas do/a tradutor/a. Por um lado, o texto fonte e o/a autor/a estão envolvidos e se tornam mais ou menos significativos ou úteis em momentos diferentes de uma cultura, mais ou menos interessantes para tradução ou retradução.” (página 65)

### 3.3.3 *Itens lexicais que exigiram maior atenção durante a tradução*

Aqui, coloco exemplos de palavras que exigiram mais cuidados durante o processo tradutório.

i) **Texto 1** “She analyses the negative connotations of the words like ‘hag’, ‘crone’ and ‘spinster’. She invents the splitting words like **therapists** as ‘**the/rapists**’ and so on.” (página 79)

**Tradução** “Ela analisa as conotações negativas das palavras como "bruxa", "velha" e "solteirona", e cria palavras divididas, como "**therapist**" "**the/rapists**" etc.” (página 89)

No exemplo acima, uma tradução equivocada poderia interferir no sentido e na mensagem da autora, por isso, mantive as palavras como no texto fonte e acrescentei a seguinte nota: a palavra “*therapist*” em inglês significa “terapeuta”, porém ao dividir as palavras, se transforma em “*the/rapists*” e o significado muda para “os estupradores”, assim Mary Daly faz uma clara ligação com o estupro.”

j) **Texto 1** “Sherry Simon has used the term ‘*translatress*’ suggesting the presence of female translators during renaissance.” (página 78)

**Tradução** “Sherry Simon utiliza o termo “*translatress*” sugerindo a presença de tradutoras durante o renascimento.” (página 88)

No exemplo acima, optei por manter a palavra como no original e acrescentar a seguinte nota: no inglês, os substantivos não têm marcação de gênero, assim a palavra “*translator*”, no português “tradutor(a)”, se refere tanto ao masculino, quanto ao feminino. Simon utiliza a palavra “*translatress*” como forma de protesto para referenciar que havia mulheres tradutoras na época do renascimento. O sufixo -ess no inglês é muito usado para formar o feminino, principalmente em substantivos relacionados a profissão ou ocupação.

k) **Texto 2** “Suddenly, it was possible to read the Hebrew **Elohim** as being both feminine and masculine, and translate it as «God the Mother and Father»; suddenly it was

possible to see that it might be inappropriate to address members of the Church as «brethren» only.” (página 50)

**Tradução** “De repente, foi possível ler Elohim no hebraico como sendo tanto feminino quanto masculino, e traduzi-lo como "Deus, a Mãe e o Pai", de repente, foi possível ver que poderia ser inapropriado dirigir-se aos membros da Igreja apenas como "irmãos". (página 65)

Acima, temos um exemplo de item lexical interessante com a palavra Elohim, na tradução acrescentei uma nota explicando a origem da palavra, sendo ela: a palavra hebraica Elohim é usada na Bíblia para se referir ao criador, logo em gênesis ela é traduzida para “Ele”, porém Elohim é o plural de Eloah, que se refere a deus ou uma divindade, ou seja, a tradução correta seria “eles” ou “deuses”.

Abaixo, outro exemplo de item lexical interessante, em que foi acrescentado nota para explicar a origem da palavra

*l)* **Texto 2** “suddenly, and even more drastically, it became evident that in the story of creation in Genesis II, «the adam», in most Bible translations the first human, is in fact not a human male called Adam, but simply a sexless creature made from «adamah», from the earth.” (página 50)

**Tradução** “de repente, e ainda mais drasticamente, tornou-se evidente que na história da criação em Gênesis II, "o adão", na maioria das traduções bíblicas o primeiro humano, não é de fato um homem humano chamado Adão, mas simplesmente uma criatura sem sexo feita de "adamah", da terra.” (página 65)

**Nota:** A palavra אָדָם (pronunciada: Adam) está conectada com duas outras palavras em hebraico: דָּם (dam) "sangue" e אֲדָמָה (adamá) "terra/solo". Estas palavras nos mostram que o significado básico de Adam (Adão em hebraico) está associado com o "sangue" e a "terra". (EYZENBERG)

*m)* **Texto 2** “Ettinger’s metramorphosis applied to translation brings in the female/maternal element that has been excised from conventional psychoanalytic thought.” (página 58)

**Tradução** “A metramorfose de Ettinger aplicada à tradução traz o elemento feminino/materno que foi excluído do pensamento psicanalítico convencional.” (página 73)

No exemplo acima, a escolha de tradução da palavra “metramorphosis” para “metramorfose” se deu a partir da explicação da autora sobre o termo, sendo ela: “este neologismo reúne os termos “meta”, “mater” e “Morpheus” — referindo-se a processos que

não envolvem unidades únicas agindo através da substituição que é metáfora, ou o deslocamento da metonímia — mas, ao invés, provocando mudanças que alteram mutuamente o significado que criam sem suplantarem ou adiar o significante (Shread 2005, *apud* Flotow, 2012, p.137) .“

### 3.3.4 Expressões e citações em língua estrangeira

Optei por manter as frases em francês, para que o paralelismo e as comparações propostas pelas autoras mantivessem seu sentido original, abaixo elenco os exemplos

*n)* **Texto 1** “The women’s movement led women to think of the liberation from the patriarchal language and “La liberation des femmes passé par le langage” (página 79)

**Tradução** “O movimento feminino levou as mulheres a pensar na libertação da linguagem patriarcal e “La liberation des femmes passé par le langage”. (página 90). Tradução “A libertação das mulheres através da linguagem”

*o)* **Texto 2** “Consequently, in the translation, she is referred to as «la jeune fille» or «la jeune femme» —a change that may be taken lightly today and shrugged off. For hundreds of years, however, this pseudo-condition of «virginity» existed and was constantly asserted to terrorize real women and demean and soil their human sexuality.” (página 51)

**Tradução** “Consequentemente, na tradução, ela é referida como “la jeune fille” ou “la jeune femme” — uma mudança que hoje pode ser considerada leve e descartada, porém, durante centenas de anos, essa pseudo condição de “virgindade” existiu e foi constantemente afirmada para aterrorizar as mulheres reais, humilhar e sujar sua sexualidade humana”. (página 66) tradução “**A moça**”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha dos artigos se deu pela importância do tema e para usar o espaço do meu trabalho para dar visibilidade às autoras, ao tema, e tornar o texto acessível aos não falantes do inglês para que conheçam e se aprofundem no tema da tradução feminista e de tradução e gênero a partir das traduções aqui propostas. Como proposta inicial, já descrita anteriormente, utilizei a teoria funcionalista e a metodologia de tradução comentada como forma de me inserir no texto e explicar minhas soluções e escolhas, com comentários explicativos e informativos.

Pesquisas acerca das referências de figuras e de fatos apresentados pelas autoras foram realizadas, a fim de identificar possíveis aspectos que me auxiliassem durante a tradução. Apesar dos textos não apresentarem uma linguagem carregada de termos técnicos, traduzir os artigos foi desafiador visto o tema e sua importância para os Estudos da Tradução. Os textos propõem uma reflexão crítica acerca dos temas feminismo e gênero na tradução, e como consequência da realização deste trabalho, minha visão sobre a tradução e as mulheres tradutoras se fez nova.

As mulheres estão presentes na tradução desde o início de sua prática e, embora excluídas e esquecidas durante tanto tempo, o esforço de outras mulheres fez com que elas fossem resgatadas e valorizadas. O trabalho da mulher na tradução é fundamental para a construção de sociedade e transmissão de cultura. A tradução feminista é essencial e deve ser continuada nos Estudos da Tradução, é preciso de mais trabalho e mais pesquisa, aqui deixo a minha contribuição.



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jéssica Pereira, TEIXEIRA, Elisa Duarte. **Inclusividade e empoderamento feminino em materiais institucionais de acolhimento destinados a pessoas refugiadas**. Tese de Artigo Científico. Universidade de Brasília.
- BAKER, Mona. A Tradução Como um Espaço Alternativo Para Ação Política. Tradução de Cristiane Roscoe-Bessa, Flávia Lamberti & Janaína Araujo Rodrigues Vol. 12, No. 1, p. 23–47, 2013.
- CALÒ, Lilian Nassi. Estudo aponta que artigos publicados em inglês atraem mais citações. **SciELO em Perspectiva**. 04 de nov. de 2016. Acesso em 05 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://blog.scielo.org/blog/2016/11/04/estudo-aponta-que-artigos-publicados-em-ingles-atraem-mais-citacoes/#.YYtsBWDMLIV>>
- COLLINS, Patrícia Hills. “**Sobre Tradução e Ativismo Intelectual**”. *Revista Ártemis - Estudos De Gênero, Feminismos E Sexualidades*, Vol. 27, nº 1, julho de 2019, p. 25-32, doi:10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46697
- CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **TradTerm**, São Paulo, v. 29, n. 29, p. 216-250, jul./2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563/130370>. Acesso em: 2 out. 2021.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. **Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives**. 1. ed. New York: Routledge, 2017.
- COSTA, Adriano Ribeiro. **O Gênero Textual Artigo Científico: Estratégias de Organização**. 2003. Monografia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. Dossiê Publicações Feministas Brasileiras: Compartilhamento Experiências. *Rev. Estud. Fem.* 11 (1) Jun de 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/dGNpLSy7GyXcMGCSGGxHdWf/?lang=pt>>
- COSTA, Claudia de Lima; Alvarez, Sonia E. Translocalidades: por uma ranslocalidades: por uma política feminista da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3): 312, setembro-dezembro/2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/jd4MWSfbTR6c86f6BHS5GVz/?format=pdf&lang=pt>>
- COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. ALÉM DAS TRADUTORAS CANADENSES: PRÁTICAS FEMINISTA DE TRADUÇÃO ONTEM E HOJE. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO 1978)**, SÃO PAULO, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, dez./2019.
- COVAS, F. S. N; BERGAMINI, Lucas Martins. Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 54892-54913, jun./2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/30768/pdf>. Acesso em: 2 out. 2021

DEIFELT, Wanda. OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA HERMENÊUTICA FEMINISTA: A BÍBLIA DAS MULHERES, EDITADA POR ELISABETH CADY STATON. **ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**, RIO GRANDE DO SUL, v. 32, n. 1, p. 5-14, jan./1992. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/955](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/955). Acesso em: 2 out. 2021.

DÉPÊCHE, Marie-france. A TRADUÇÃO FEMINISTA: EORIAS E PRÁTICAS SUBVERSIVAS NÍZIA FLORESTA E A ESCOLA DE TRADUÇÃO CANADENSE. **TEXTOS DE HISTÓRIA**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 157-188, jan./2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27807/23905>. Acesso em: 2 out. 2021.

EL PAÍS. **Em 95% dos artigos científicos, inglês cria ‘ditadura da língua’. Apenas 1% está em português e espanhol.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua-apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html>. Acesso em: 2 out. 2021.

FLOTOW, Luise Von. **Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'**. 1. ed. Manchester, United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997.

FLOTOW, Luise Von. *“Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to «Queerying» Translation, and Metamorphosis”*. Quaderns. Revista de Traducció, 2012, n.19, p.141-154.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico. 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A Divulgação Científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais**. 2000. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife

ILIOVITZ, Erica Reviglio; NETO, C. B. M. HÁ LÓGICA NA LINGUAGEM INCLUSIVA?. **Interfaces de Saberes**, Recife, v. 7, n. 2, p. 3-11, jan./2007. Disponível em: <https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/view/62/34>. Acesso em: 2 out. 2021

KHAN, Tariq. **Translation, Nation and Knowledge Society: A Special Issue of the Translation Today**. 13. ed. Manasagangotri, Mysuru, Karnataka, India: CENTRAL INSTITUTE OF INDIAN LANGUAGES, 2019. p. 1-286.

MARCONI, M. D. A; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MATOS, Naylane Araújo, BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães, SANTOS, Sheila Cristina Santos. **Estudos feministas de tradução: um recorte de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC)** Belas Infieis, v. 7, n. 2, p. 43-61, 2018. DOI: 10.26512/belasinfeis.v7i2.15266. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/15266/19915>. Acesso em 02 out. 2021

MELO, P. B. D. *et al.* **Descolonizar o feminismo**. ed. Brasília, DF: IFB, 2019. p. 14-271.

MEYEROWITZ, Joanne (2008). A History of "Gender". **The American Historical Review**, 113(5), 1346–1356. doi:10.2307/30223445

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. 1. ed. São Paulo: Coleção Transtextos, 2016. p. 1-438.

NORD, Christiane. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1997.

POLCKLOPEK, Silvana Ayub; ZILPSE, Meta Elisabeth; COSTA, M. J. R. D. Tradução Como Ação Comunicativa: A perspectiva do funcionalismo nos estudos da tradução. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, v. 24, n. 24, p. 21-37, set./2012.

RASSIER, Luciana Wrege; BLUME, Rosvitha Friesen. **LUISE VON FLOTOW**. Cadernos de Tradução. [v.2, n. 28](#), p. 252-273, dez./2015.

REVISTA Estudos Feministas. ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. Acesso em 05 de out. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/about>>

SCHAFFER, A. M. D. M. SOBRE TRADUÇÃO FEMINISTA (OU DE GÊNERO) NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. **REVISTA BRASILEIRA DE TRADUTORES**, SÃO PAULO, v. 21, n. 21, p. 93-111, abr./2011.

SCHUSTER, ETHEL; LEVKOWITZ, HAIM; OLIVEIRA, OSVALDO N. OLIVEIRA JR. **WRITING SCIENTIFIC PAPER IN ENGLISH SUCCESSFULLY: YOUR COMPLETE ROADMAP**. 2014.

SILVA, Márcio Salingmer. **O Local da Diferença: Ensaios Sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução**. Editora 34. 2005

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural identity and the politics of transmission**. 1. ed. New York, NY: Routledge, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravarty. 1998. **The Politics of Translation. Outside in the Teaching Machine**. 95-118. New York: Routledge.

TERRA, Bianca de Souza. **A TRADUÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO NA ÁREA JURÍDICA**. 2015. Monografia. Universidade de Brasília.

**TEXTOS DE HISTÓRIA**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 157-188, jan./2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27807/23905>. Acesso em: 2 out. 2021.

TORRES, Marie-Hélène. *Por Que e Como Pesquisar a Tradução Comentada?* Volume dois. Coleção Transletras. 2015.

WILLIAMS, Jeny, CHESTERMAN, Rew. *THE MAP. A Begginer's Guide to Doing Research In Traslations Studies*. Published by St Jerome Publishing. 2002

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 331–352, 2015. DOI: 10.17851/2317-2096.25.2.331-352. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 02 out. 2021.

## APÈNDICE I

### Original

# Translating Women: From Recent Histories and Re-translations to «Queerying» Translation, and Metramorphosis

Luise von Flotow

University of Ottawa. School of Translation and Interpretation  
Ottawa, ON K1N 6N5. Canada  
flotow@uottawa.ca



### Abstract

*Gender*, the term often used to discuss the effects of sexual differences in cultural, social and political configurations, has become increasingly conflicted. This article touches on this development, and then returns to *women* as the touchstone of sexual difference in translation studies, reviewing historic achievements of feminisms in translation and analyzing/proposing new scholarly directions.

**Keywords:** women and translation; feminisms; metramorphosis.

### Resum

El terme *gènere*, sovint utilitzat per fer referència als efectes de les diferències sexuals en la configuració política, cultural i social, és cada cop més discutit. Aquest article tracta l'evolució dels estudis de *gènere* i proposa retornar al terme *dona* com a referent de la diferència sexual en els estudis sobre la traducció, alhora que revisa els assoliments històrics dels feminismes en traducció i analitza i proposa noves direccions en l'àmbit acadèmic.

**Paraules clau:** dona i traducció; feminismes; metramorfosi.

### Summary

Reviewing Translation within the Women's Movement	To End on a Two Strong Notes.
Re-Translations (in Feminist Times)	Women's health: an international feminist translation success
Bible Re-translations	Finally, «the non-rejection of the unknown non-I(s)» —recent feminist psychoanalytic theory for translation
Simone de Beauvoir (in English)	Bibliography
Queer: where some people «are referred to as women»	

The past forty years of the women's movement, feminist politics, and feminist scholarship have been strongly affected by *translation*: not only in English-speaking countries but all over the world. In what follows, I will briefly review the history of this development (in English), and elaborate on its effects in the re-translation of several so-called fundamental texts of these «feminist» times. Then I will engage with a development in Anglo-American gender studies that, for a time, has seriously hampered thinking about women as a group, especially in the humanities and the arts —so-called «gender trouble» that has caused me, for one, to abandon the term «gender» and re-value the term «women».<sup>211</sup> Finally, I will move to two examples of strong recent work that mark a resurgence of interest in *women* and translation, re-affirming the importance of women both as individuals and as a group, and demonstrating the need for and the possibility of ongoing solidarity, across all the intersections and differences.

## Reviewing Translation within the Women's Movement

Well before such ideas as «feminist translation» emerged in the 1990s, translation was an important motor for Anglo-American and various other feminisms:

- Translations of women authors allowed *massive cross-fertilization and exchange of ideas*: from the Anglo-American perspective, the work from France became very important (Cixous, Irigaray); in Canada, the French work by experimental feminist writers in Quebec became instrumental in theorizing feminist epistemologies and developing feminist approaches to translation.
- Re-readings, re-evaluations, and re-translations of existing «key» texts of Western, and feminist culture became important.
- The discovery of long lost, newly-unearthed women writers led to more translation: huge anthologies of women's writing were produced, publishing houses set up series of women's lists; women's work was *in* for a while.<sup>222</sup>
- Finally, all this activity led to an examination of translation itself —as the medium without which such exchanges and cross-fertilizations are impossible; a medium that has often been theorized as «feminine» and somehow decadent, untrustworthy, and hedged in by boundaries and limits. Much academic work ensued on the power of translation, on women translators and their influence on texts, and on theories of translation that develop a powerful view of the supposed feminine side of the phenomenon of translation.

---

<sup>21</sup> *Translating Women*, ed. Luise von Flotow, University of Ottawa Press 2011

<sup>22</sup> Research done on the translation of Canadian writing into German has shown that in the 1980s publishers' and readers' interest in women writers brought on the success of writer Margaret Atwood and many other Canadian women, to the detriment of male authors: in that decade almost 80 books by women and fewer than 50 books by men were translated from Canada into German (*Translating Canada* 2007).

## Re-Translations (in Feminist Times)

Translation is deliberate. It is intentional, and usually done for a purpose. No translation is the production of only the translator. For one thing, the source text and author are involved: they become more or less meaningful or useful at different moments in a culture, more or less interesting for translation or re-translation; publishers and editors are involved; so are patrons willing to pay for the work, and finally, even book designers and typesetters who create the final product, and can change a text. Never is a translation the responsibility of only the translator; it is a collaboration. This has become evident in much of the work around translation within the women's movement, and since, and is exemplified in the examples of re-reading and re-translating below.

### Bible Re-translations

Re-translating such hefty works as the Bible requires massive collaborative efforts; in Anglo-America these emerged in the early 1980s, with the production and regular updating of a book entitled *The Inclusive Language Lectionary* (1983ff). This book is a compilation of excerpts from the Bible used in liturgy, in daily church services. Given the premise that the Bible is a «fundamental text» of Western culture—which Elizabeth Cady Stanton had already recognized and severely criticized in her *The Woman's Bible* (1895)—, the members of the editorial/translation committee of this *Inclusive Language Lectionary* set out to reword the English versions of these texts, re-reading the ancient sources and making the translations reflect new realities and understandings of women's position in society. Suddenly, it was possible to read the Hebrew Elohim as being both feminine and masculine, and translate it as «God the Mother and Father»; suddenly it was possible to see that it might be inappropriate to address members of the Church as «brethren» only—in line with the male-focus of all previous English Bibles—; suddenly, and even more drastically, it became evident that in the story of creation in Genesis II, «the adam», in most Bible translations the first human, is in fact not a human male called Adam, but simply a sexless creature made from «adamah», from the earth. The human female, Havva, is made from a piece of the earth taken from the side of this adam—and not from the rib of a man. She is the first human created in this version of the story, and the name given her—Havva—is as meaningful as the common noun «adam». It means 'life' in ancient Hebrew, with all that connotes of joys and sorrows, successes and failures.

Over the hundreds of centuries of adaptation and translation in aggressive patriarchal cultures, these details had disappeared, been hidden and lost, so that entire social and political systems could be founded on the «secondary» nature of women, coming second in Creation, derived from the body of Adam, the first human, and so on. This is something that Stanton already traced in the late 19<sup>th</sup> century; she saw this patriarchal religious discourse as the foundation of the political discourses that

deprived women of the vote, and in Canada, of the status of «persons» until 1929.<sup>23</sup>

Such deliberate twists and mistranslations of Biblical materials were confirmed in 1992, with the publication of Mary Phil Korsak's *At the Start*, a careful, detailed, and commented new translation of Genesis II, and have led to other re-translations, notably one into French of the entire Bible, entitled *La Bible 2001*. This *Bible 2001* was produced not only for feminist purposes, but more generally to take account of the changes in the French language and especially its literary language of the 20<sup>th</sup> century. But in the process, many similar discoveries as in English were made. As Bible historians worked together with francophone writers, and editorial teams assessed the texts that were produced, it was another giant collaboration that found, for instance, that in the ancient Greek texts of the New Testament there is no mention of the term *virgin* for the mother of Jesus. Consequently, in the translation, she is referred to as «la jeune fille» or «la jeune femme» —a change that may be taken lightly today and shrugged off. For hundreds of years, however, this pseudo-condition of «virginity» existed and was constantly asserted to terrorize real women and demean and soil their human sexuality.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> <http://www.canadaonline.about.com> (June 24, 2011)

<sup>24</sup> The Vatican responded to these radical translation projects in 2001, issuing a brief entitled *Liturgiam authenticam* which dictates rules for translation of Catholic texts. It can be found in the Vatican library on-line.



## Bibliography

- BEAUVOIR, Simone de (2009). *The Second Sex*. Translation by Constance Borde and Sheila Malovany-Chevalier. London: Cape.
- BERMAN, Antoine (1995). *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris, Gallimard.
- Bogic, Anna (2011). «Why Philosophy Went Missing: Understanding the English Version of Simone de Beauvoir's *Le deuxième sexe*». In: Von Flotow, Luise (ed.). *Translating Women*. Ottawa, University of Ottawa Press, p. 151-167.
- BUTLER, Judith (1988). «Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory». *Theatre Journal*, 40 (4): 519-531.
- (1990). *Gender Trouble*. New York and London: Routledge.
- (2004). *Undoing Gender*. New York and London: Routledge.
- CRONIN, Michael (2006). *Translation and Identity*. New York and London: Routledge.
- DAVIS, Kathy (2007). *The Making of Our Bodies, Ourselves: How Feminism Travels Across Borders*. Durham NC: Duke University Press.
- GOLD, Victor Roland; et al. (1983, 1984, 1985). *An Inclusive Language Lectionary*, 3 vols. Philadelphia: Westminster Press.
- ETTINGER, Bracha (1993). *Matrix Halal(a) – lapsus. Notes on Painting*. Translation from French by Josh Simas. Oxford: Museum of Art.
- (1994). *Que dirait Eurydice? What would Eurydice say? Conversation with Emmanuel Levinas*. Toulouse: Paragraphic.
- Flotow, Luise von (2011). *Translating Women*. Ottawa, Canada: University of Ottawa Press.
- (2007). *Translating Canada*. Ed. by Flotow, Luise von and Reingard Nischik. Ottawa, Canada: University of Ottawa Press.
- GAMSON, Joshua G. (1995). «Must Identity Movements Self-Destruct? A Queer Dilemma». *Social Problems*, 42: 390-407.
- (1998). «Publicity Traps: Television Talk Shows and Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Visibility». *Sexualities*, 1: 11-41.
- Knutson, Susan; et al. (1989). «Vers-ion con-verse: A Sequence of Translations». *Tessera: La traduction au féminin / Translating Women*, 6: 16-23.
- KORSAK, Mary Phil (1992). *At the Start*. New York: Doubleday.
- LEWIS, Elizabeth (2010). «My Girlfriend Linda: Translating Queer Relationships in Film». *In Other Words*, 36.
- LORBER, Judith (1999). «Embattled Terrain. Gender and Sexuality». In: FERREE, Myra Marx; Beth B. HESS and Judith LORBER (eds.). *Revisioning Gender*. Thousand Oaks, CA, and London, UK: Sage Publications.
- Moi, Toril (2010). «The Adulteress Wife». *London Review of Books*, vol. 32, 3: 3-6.
- PARKER, Andrew; SEDGWICK, E. K. (eds.) (1995). *Performativity and Performance*. New York and London: Routledge.
- Scott, Joan Wallach (1999). «Some Reflections on Gender and Politics». In: FERREE, Myra Marx; Beth B. HESS and Judith LORBER (eds.). *Revisioning Gender*. Thousand Oaks, CA, and London, UK: Sage Publications, p. 70-96.
- SHREAD, Carolyn (2005). *A Theory of Matrixial Reading: Ethical Encounters in Ettinger, Laferrière, Duras, and Huston*. Doctoral dissertation. University of Massachusetts Amherst.

— (2008). «Metamorphosis or Metramorphosis? Towards A Feminist Ethics of Difference in Translation». *TTR. Traduction, Terminologie, Rédaction. Études sur le texte et ses transformations*, 22: 213-242.

StAnton, Elizabeth Cady (1895). *The Woman's Bible*

# Traduzindo Mulheres: de histórias recentes e retraduições para a tradução de "Queer" e Metramorfose<sup>25</sup>

Luise von Flotow<sup>26</sup>

Universidade de Ottawa. Escola de Tradução e Interpretação de Ottawa,

Tradução de: Maria Paula Melo de Andrade<sup>27</sup>

## Resumo

*Gênero*, termo frequentemente usado para discutir os efeitos das diferenças sexuais em configurações culturais, sociais e políticas, tornou-se cada vez mais conflituoso. Este artigo aborda esse desenvolvimento e depois retorna a *mulher* como peça fundamental da diferença sexual nos estudos da tradução, revendo realizações históricas dos feminismos na tradução, analisando e propondo novas direções acadêmicas.

**Palavras-chave:** Mulheres e Tradução, Feminismos, Metramorfose.

## índice

Revisão da tradução dentro do movimento das Para terminar com duas notas fortes. Saúde  
mulheres das mulheres: um sucesso internacional de  
Re-traduições (em tempos feministas) tradução feminista  
Re-tradução da Bíblia Por fim, "a não rejeição do(s) não-eu(s)  
desconhecido(s)"— recente teoria  
Simone De Beauvoir Queer: psicanalítica feminista para tradução  
onde algumas pessoas Bibliografia  
"se referem como mulheres"

<sup>25</sup> Artigo publicado no *Quaderns*, revista de tradução da Universidade Pública de Barcelona. Suas referências e notas de rodapé se encontram no artigo original.

<sup>26</sup> Luise Von Flotow é tradutora, professora e diretora da School of Translation and Interpretation da Universidade de Ottawa

<sup>27</sup> Graduanda pela Universidade de Brasília.



Os últimos quarenta anos do movimento das mulheres, da política feminista e erudição de estudos feminista foram fortemente afetados pela *tradução*, não só em países de língua inglesa, mas em todo o mundo. A seguir, farei uma breve revisão da história deste desenvolvimento e apresentarei seus efeitos na retradução de vários dos chamados textos fundamentais dos tempos "feministas"<sup>28</sup>. Então, abordarei o desenvolvimento de estudos de gênero anglo-americanos que, por um tempo, prejudicaram seriamente o pensamento sobre as mulheres como um grupo, especialmente nas humanidades e nas artes— os chamados "problemas de gênero" que me levaram, por exemplo, a abandonar o termo "gênero" e a revalorizar o termo "mulher". Por último, passarei a dois exemplos de importantes trabalhos recentes que marcam o ressurgimento do interesse pelas *mulheres* e pela tradução, reafirmando a importância das mulheres tanto como indivíduos quanto como grupo, e demonstrando a necessidade e a possibilidade de solidariedade contínua, através de todas as interseções e diferenças.

## Revisão da tradução dentro do movimento das mulheres

Bem antes do surgimento de ideias como a "tradução feminista" nos anos 90, a tradução era um importante motor para os anglo-americanos e vários outros feminismos:

- As traduções de mulheres escritoras permitiram uma *enorme transformação e troca de ideias*: da perspectiva anglo-americana, o trabalho da França tornou-se muito importante (Cixous, Irigaray), no Canadá, o trabalho francês de escritoras feministas experimentais do Quebec tornou-se instrumental para a teoria das epistemologias feministas e para o desenvolvimento de abordagens feministas para a tradução.
- Releituras, reavaliações e retraduições de textos "chave" existentes da cultura ocidental e feminista tornaram-se importantes.
- A descoberta de mulheres escritoras há muito perdidas e recém-evidenciadas resultou em mais traduções, foram produzidas extensas antologias de escritas femininas, as editoras criaram uma série de listas de mulheres, o trabalho das mulheres ficou em *alta*<sup>29</sup> por um tempo.
- Em conclusão, toda essa atividade provocou uma análise da tradução propriamente dita— como o meio sem o qual tais trocas e transformações são impossíveis, um meio que muitas vezes foi teorizado como "feminino" e de alguma forma decadente, não confiável e protegido por barreiras e limites. Muito trabalho acadêmico<sup>30</sup> se seguiu sobre o poder da tradução, sobre as mulheres tradutoras e

---

<sup>28</sup> Acredita-se que a autora esteja se referindo ao período pós virada cultural que deu início a diversas pesquisas realizadas acerca do feminismo, gênero e tradução feminista.

<sup>29</sup> que na década de 1980 o interesse de editores e leitores pelas mulheres escritoras trouxe o sucesso da escritora Margaret Atwood e muitas outras mulheres canadenses, em detrimento dos autores masculinos: naquela década quase 80 livros de mulheres e menos de 50 livros de homens foram traduzidos do Canadá para Alemão (Translating Canada 2007). Esta explicação foi retirada das notas de rodapé do artigo original.

<sup>30</sup> Nos anos 80 e 90, os Estudos da Tradução passou a incluir em seus debates e em suas teorias os estudos de gênero e tradução feminista, esse período ficou conhecido como "virada cultural" e, desde então, diversas pesquisas e teorias acerca do tema "tradução e

sua influência nos textos e sobre as teorias da tradução que desenvolveram uma visão poderosa do suposto lado feminino do fenômeno da tradução.

### Retraduções (em tempos feministas)

A tradução é deliberada, intencional e geralmente feita com um propósito. Nenhuma tradução é produção apenas do/a tradutor/a. Por um lado, o texto fonte e o/a autor/a<sup>31</sup> estão envolvidos e se tornam mais ou menos significativos ou úteis em momentos diferentes de uma cultura, mais ou menos interessantes para tradução ou retradução. Editores e revisores estão envolvidos, assim como clientes dispostos a pagar pelo trabalho, e finalmente, até mesmo designers de livros e editores que criam o produto final, e podem mudar o texto. A tradução nunca é responsabilidade apenas do/a tradutor/a, é uma colaboração. Isto se tornou evidente em grande parte do trabalho de tradução dentro do movimento das mulheres e, desde então, é exemplificado nos casos de releitura e retradução nos exemplos abaixo.

### Retraduções da Bíblia

As retraduições de obras tão significativas como a Bíblia requerem esforços massivos de colaboração, na América, elas surgiram no início da década de 1980, com a produção e atualização regular de um livro intitulado *The Inclusive Language Lectionary*<sup>32</sup> (1983ff). Este livro é uma compilação de trechos da Bíblia usada na liturgia, nos cultos da Igreja. Dada a premissa de que a Bíblia é um "texto fundamental" da cultura ocidental— que Elizabeth Cady Stanton<sup>33</sup> já havia reconhecido e criticado severamente em sua obra *The Woman's Bible*<sup>34</sup> (1895) — os membros do comitê editorial de tradução do *Inclusive Language Lectionary* se propuseram a redigir as versões em inglês destes textos, relendo as fontes antigas e fazendo com que as traduções refletissem novas realidades e compreensões da posição da mulher na sociedade. De repente, foi possível ler *Elohim*<sup>35</sup> no hebraico como sendo tanto feminino quanto masculino, e traduzi-lo como "Deus, a Mãe e o Pai", de repente, foi possível ver que poderia ser inapropriado dirigir-se aos membros da Igreja apenas como "irmãos"— de acordo com o foco no masculino de todas as Bíblias inglesas anteriores— de repente, e ainda mais drasticamente, tornou-se evidente que na história da criação em Gênesis

---

mulher” foram realizadas, contribuindo para a valorização das mulheres escritoras e tradutoras.

<sup>31</sup> Usarei a linguagem inclusiva para não deixar apenas a palavra “tradutor” para se referir a pessoa que traduz, visto que o próprio texto aborda os temas tradução e gênero e tradução feminista.

<sup>32</sup> Optei por manter os títulos de todas as obras mencionadas no texto no original, pois não existe tradução para o português de todas elas, então, para que o texto não ficasse confuso, com alguns títulos traduzidos e outros não, as obras ficarão como no original.

<sup>33</sup> Elizabeth Cady Stanton foi uma escritora, filósofa e teórica dos direitos das mulheres e figura importante do movimento sufragista. Stanton reformulou a agenda dos direitos das mulheres e ficou mundialmente conhecida por sua obra *A Bíblia da Mulher*.

<sup>34</sup> *A Bíblia das Mulheres* é uma proposta de Elizabeth Cady Stanton que apresenta a perspectiva feminina da Bíblia e questiona a postura patriarcal que coloca a mulher como submissa e inferior.

<sup>35</sup> A palavra hebraica *Elohim* é usada na Bíblia para se referir ao criador, logo em gênesis ela é traduzida para “Ele”, porém *Elohim* é o plural de *Eloah*, que se refere a deus ou uma divindade, ou seja, a tradução correta seria “eles” ou “deuses”.

II, "o adão", na maioria das traduções bíblicas o primeiro humano, não é de fato um homem humano chamado Adão, mas simplesmente uma criatura sem sexo feita de "adamah"<sup>36</sup>, da terra. A fêmea humana, Eva, é feita de um pedaço da terra tirado do lado deste Adão— e não da costela de um homem. Ela é a primeira humana criada nesta versão da história, e o nome dado a ela —Eva—é tão significativo como o nome comum "adão". Significa "vida" em hebraico antigo, com tudo o que remete a alegrias e tristezas, sucessos e fracassos. Sobre as centenas de séculos de adaptação e tradução de uma cultura agressiva patriarcal, esses detalhes haviam desaparecido, sido escondidos e perdidos, de modo que todos os sistemas sociais e políticos poderiam ser fundado sobre a natureza "secundária" das mulheres, a segunda criação, derivada de Adão, o primeiro humano, e assim por diante. Isto é algo que Stanton já havia rastreado no final do século XIX, ela viu este discurso religioso patriarcal como a base dos discursos políticos que privaram as mulheres do voto, e no Canadá, do status de "pessoas" até 1929<sup>37</sup>.

Tais reviravoltas deliberadas e traduções equivocadas de materiais bíblicos foram confirmadas em 1992, com a publicação da obra de Mary Phil Korsak<sup>38</sup> *At the Start*, uma cuidadosa, detalhada e comentada nova tradução de Gênesis II, que levou a outras retraduições, com destaque para uma em francês, de toda a Bíblia, intitulada *La Bible 2001*. *A Bible 2001* foi produzida não só para fins feministas, mas de forma mais geral para levar em consideração as mudanças na língua francesa e, especialmente, a sua língua literária do século XX. Durante o processo, muitas descobertas semelhantes ao inglês foram feitas. Como historiadores bíblicos trabalharam juntos aos escritores francófonos e equipes editoriais avaliaram os textos que foram produzidos, essa colaboração gigantesca foi responsável por descobrir que nos textos gregos antigos do Novo Testamento não há menção do termo *virgem* para a mãe de Jesus, por exemplo. Consequentemente, na tradução, ela é referida como "la jeune fille"<sup>39</sup> ou "la jeune femme"<sup>40</sup>— uma mudança que hoje pode ser considerada leve e descartada. Porém, durante centenas de anos, essa pseudo condição de "virgindade" existiu e foi constantemente afirmada para aterrorizar as mulheres reais, humilhar e sujar sua sexualidade humana.

---

<sup>36</sup> A palavra אָדָם (pronunciada: Adam) está conectada com duas outras palavras em hebraico: אָדָם ("sangue" e אֲדָמָה (adamá) "terra/solo". Estas palavras nos mostram que o significado básico de Adam (Adão em hebraico) está associado com o "sangue" e a "terra". (EYZENBERG)

<sup>37</sup> As mulheres no Canadá conquistaram o direito ao sufrágio em 1918 e em 1929 ajudaram a derrubar uma decisão judicial que as impedia de assumirem cargos no senado.

<sup>38</sup> Mary Phil Korsak é uma tradutora e professora que dedicou seu trabalho a tradução e comentários da bíblia e de textos religiosos.

<sup>39</sup> As palavras em francês não serão traduzidas, a fim de manter o paralelismo e comparações que a autora propõe. As traduções livres serão colocadas como comentários. Tradução: "A moça"

<sup>40</sup> Tradução: "Uma jovem mulher"

## REFERÊNCIAS DAS NOTAS

A igualdade de gênero no Canadá. **IceSchool**. [sd]. Disponível em: <<https://iceschool.com.br/a-igualdade-de-genero-no-canada/>>. Acesso em: 10 de out. 2021

Anna Bogic. **uOttawa**. [sd]. Disponível em: <<https://socialsciences.uottawa.ca/governance/people/bogic-anna>>. Acesso em 10 de out. 2021

BETTS, Gregory. Barbara Godard. **The Canadian Encyclopedia**. 06 de jun. 2010. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/barbara-godard>> Acesso em: 10 de out. 2021.

Bracha Ettinger, Marcel Duchamp Chair and Professor of Psychoanalysis and Art at The European Graduate School / EGS. **The European Graduate School / EGS**. [sd]. Disponível em: <<https://egs.edu/biography/bracha-ettinger/>> Acesso em: 10 de out. 2021

DEIFELT, Wanda. OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA HERMENÊUTICA FEMINISTA: A BÍBLIA DAS MULHERES, EDITADA POR ELISABETH CADY STATON. **ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**, RIO GRANDE DO SUL, v. 32, n. 1, p. 5-14, jan./1992. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/955](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/955) . Acesso em: 2 out. 2021.

EYZENBERG, ELI LIZORKIN-. COMO ADÃO RECEBEU SEU NOME? **eTeacher Biblical**. [sd]. Disponível em: <[http://lp.eteacherbiblical.com/lp\\_dhb\\_adam\\_adamah-pt.html?blog=1](http://lp.eteacherbiblical.com/lp_dhb_adam_adamah-pt.html?blog=1)> Acesso em: 10 de out. 2021

FILGUEIRAS, Gabriel. Significado de elohim no original hebraico. **Projeto Bíblico Ezra**. 22 de out. 2021. Disponível em: <<https://biblia.pro.br/significado-de-elohim-no-original-hebraico/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

HOWARD MADISON PARSHLEY. **People Pill**. [sd]. Disponível em: <<https://peoplepill.com/people/howard-madison-parshley/>>. Acesso em 10 de out. 2021



IGNACIO, Júlia, O que é interseccionalidade? **POLITIZE**. 20 de nov. 2020. Disponível em: <[https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwoP6LBhBIEiwAvCct\\_hBPa5aNROMbIZosSKEIm4yuCLc4T2QElt35G\\_eNw0B8Gx8cPbBpRh\\_hoC5YEQAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwoP6LBhBIEiwAvCct_hBPa5aNROMbIZosSKEIm4yuCLc4T2QElt35G_eNw0B8Gx8cPbBpRh_hoC5YEQAvD_BwE)> Acesso em: 10 de out. 2021.

Joan Wallach Scott. **Institute for Advance Study**. [sd]. Disponível em: <<https://www.ias.edu/sss/faculty/scott>> Acesso em: 10 de out. 2021.

Kathy Mezei. **The University of North Carolina Press**. [sd]. Disponível em: <<https://uncpress.org/author/1245-kathy-mezei/>> Acesso em? 10 de out. 2021.

Mary Phil Korsak. **Mary Phil Korsak's Website**. [sd]. Disponível em: <<http://www.maryphilkorsak.com/about.html>> Acesso em: 10 de out. 2021

MIRANDA, Olinson Coutinho e GARCIA, Paulo César. A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria. **III EBE CULT**, Bahia. [sd]. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>>. Acesso em: 10 de out. 2021

Origem da palavra matriz. **Dicionário Etimológico**. [sd]. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/matriz/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

PEREIRA, Nuno Monteiro. Breve História do falo. **Revista Saúde**. 02 de set. 2017. Disponível em: <<https://www.revistasauda.pt/noticias/Pages/Breve-Historia-do-falo.aspx>> Acesso em: 10 de out. 2021.

Performativity and Performance. **ROUTLEDGE, Taylor and Francis Group**. [sd]. Disponível em: <<https://www.routledge.com/Performativity-and-Performance/Parker-Sedgwick/p/book/9780415910552#>> Acesso em: 10 de out. 2021.

Significado de ab ovo. **Dicionário de Latim**. [sd]. Disponível em: <<https://www.dicionariodelatim.com.br/ab-ovo/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

Sheila Malovany-Chevallier and Constance Borde. **The Center for the Humanities**. 15 de out. 2013. Disponível em:

<<https://www.centerforthehumanities.org/programming/participants/sheila-malovany-chevallier>>. Acesso em 10 de out. 2021.

Susan Knutson, LRC Contributor. **Literary Review of Canada**. [sd]. Disponível em: <<https://reviewcanada.ca/magazine/contributors/susan-knutson/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

## APÊNDICE II

### Original

# Is there a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language and Identity Politics

ALKA VISHWAKARMA

Translation is often considered a cultural transformation from one language to another. It is indeed a creative work, a recreation or a 'reproduction'. The disciplines like Translation Studies, Gender Studies and Cultural Studies are interdisciplinary and researches have been conducted under these approaches. These approaches deal with the notions of gender and culture at large. Gender and culture are socially-constructed phenomena which determine the social identity of an individual. Translations intend to transfer these notions from one culture to another without losing the essence of the previous. Translators are often men who translate as history has shown us. In translation therefore, male translators are of great eminence which arises certain questions: is there any woman translator and their history, have gender-issues historically been neglected or recognized, did different cultural contexts affect gender-conscious awareness in translation, how does gender-conscious translation affect the target texts and the reception of a translated texts and how the identities of the translator and author is politicized? The present paper intends to problematize them. It will simultaneously show how identity is constructed through the politics of language which itself politicises the identities. These aspects would be explored in the light of the views of Sherry Simon, Luise von Flotow and Gayatri Chakravarti Spivak specifically. In other sense, the present paper is more of a critique of Sherry Simon's ideas supported by von Flotow and Spivak, enlightening the readers of the possibilities of feminist perspective to translation.

**Keywords:** identity politics, gender, language and translation.

### Introduction

Translation Studies and Gender Studies have recently found their platform in the past thirty or forty years. Since 1980s there have been certain developments that have led to the rise of 'the cultural turn'; this addition of culture has rendered a significant dimension to translation (Bassnett & Lefevere 1990). It has shifted the emphasis from how and what to be translated to what do translations do, how do translations affect the literary world and its reception in society. Simon cites Nicole Vard Jouve who has asserted that translation occupies a "(culturally speaking) female position"

(Simon 1996: 01). The conventional view of translation refers to the 'active original' and 'passive translation'; thus the creation is through passive transformation. Men and women occupy the similar active and passive roles in society as well as their sexualities. The notions of beauty and fidelity are associated with females and so with the translation which is not to be beautiful only but must be faithful to the original.

Writing and translation are however interdependent, each adheres to the other. Therefore, the original cannot be considered the real one but a translation of whatever is present in a society that is culture. As the arrival of deconstruction and post-structuralism has aroused the plurality of meaning; and therefore there is no 'single speaking subject'. Translation therefore becomes quite difficult giving rise to the politics of identity, i.e. identity of the writer, the translator and the characters. Gender is constructed through language which intends to monopolise the weaker; women are supposed to be the weaker because of their attributes of submissiveness and humility determined through language. Language therefore has played a vital role in the subjugation of women from the religious scriptures to the conduct books. So what if a translator is a woman translating the text which is framed under the 'patriarchal' language. Here comes into being the politics of language which looks for the feminine way of writing and reading. Before getting into this idea, let us see whether there is any history of female translators or feminist theory of translation. Feminist translators came to the surface concealing their intentions to analyze their oppression through language. They not only castigated the 'phallogocentric' language but advocated for the emergence of a language which will serve as an antonym to 'phallogocentrism' and which could be called 'gynocentric' redefining and modifying existing vocabulary along with the peculiarities of parenthesis, gaps, silences, denoting their own condition through language.

### **Translatress: The 'lost' Women on the Surface**

Renaissance refers to the birth of literature, a revival of learning. During this period, we see the exchange of various cultural transformations through Greek and Latin manuscripts; for such transformation translation came into existence, introducing it to the English speaking world. Sherry Simon has used the term 'translatress' suggesting the presence of female translators during renaissance. Sixteenth century has witnessed many women translators; Margaret Hannay's edited *Silent but For the Word: Tudor Women as Patrons, Translators and Writers of Religious Works* (1985) is a collection of essays which inserted personal and political topics subverting texts through translations. These female translators were 'lost' as they were neglected or overlooked. Researchers now have worked on discovering those 'lost' women's knowledge. The anthology, *Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823* (Kadish et al. 1994) discusses the works of eighteenth and early nineteenth century French women. Olympe de Gouges, Germaine de Stael and Claire de Duras have been translated and

located in their historical and cultural contexts. It deals with the issues of gender and race questioning the place of writers and translators. There have been abolitionist writings which helped to pave path for the anti-slavery movement. *Women Writing in India (two volumes)* has been edited by Tharu and Lalita (1993); it attempts to rediscover the forgotten texts. Its second volume pays attention to language restoring the forgotten voices from the Indian vernacular languages. There have been a number of translators who have been translating from sixteenth century to nineteenth century; among them, Margaret Fuller, Aphra Behn, Margaret More Roper, Mary Sydney and Margaret Tyler are the eminent ones. Aphra Behn is considered the prominent translator; her novel *Oroonoko* itself has been translated in many languages. Susanna Dobson, Mary Arundell, Lucy Hutchinson and Elizabeth Carter have also translated immensely. Women began translating the Bible as they were allowed to translate religious works written by men. Elizabeth Cay Staton's *The Woman's Bible* (1972) is the best example of it. Bible translation led to the emergence of the 'inclusive language' which ignore the sexist language. However it could not check feminist's contention of subjugation that was led by the patriarchal or phallogocentric language. There have been many research works conducted on these 'lost' women and it is hard to bring all of them into these pages. Therefore, now I will progress to discuss how language, body and gender came to dominate female translators.



## References

- ANDONE, OANA-HELENA. 2018. Gender Issues in Translation. Online: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0907676X.2002.9961439?journalCode=rmps20>.
- CASTRO, OLGA. 2013. Introduction: Gender, Language and Translation at the Crossroads of Disciplines. *Gender & Language* 7(1).
- HUDDART, DAVID. 2003. *Homi K. Bhabha*. London: Routledge.
- KAROUBI, BEHROUZ. 2018. Gender and Translation. Online: <http://www.translationdirectory.com/article528.htm>.
- MILLS, SARA. 2003. *Michel Foucault*. London: Routledge.
- MORTON, STEPHEN. 2003. *Gayatri Chakravarti Spivak*. London: Routledge.
- RAMANUJAN, A. K. 1989. 'Is There an Indian Way of Thinking?: An Informal Essay'. *Contributions to Indian Sociology* 23(1). SAGE Publications.
- REGUNATHAN, SUDHAMAHI. 2018. Role of Gender in Translation. Online: <https://www.thehindu.com/books/books-authors/role-of-gender-in-translation/article22471595.ece>.
- SIMON, SHERRY. 1996. *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London and New York: Routledge.
- SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVARTY. 1998. The Politics of Translation. *Outside in the Teaching Machine*. 95-118. New York: Routledge.
- ULATUS. 2018. Online: <https://www.ulatus.com/translation-blog/gender-issues-in-translation>.
- VON FLOTOW, LUISE. 1997. *Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'*. Manchester UK: St. Jerome Publishing.

\*\*\*

# Existe uma Maneira Feminista de Estudar Tradução? Gênero, Tradução, Linguagem e Identidade Política<sup>41</sup>

ALKA VISHWAKARMA<sup>42</sup>

Tradução de: Maria Paula Melo de Andrade<sup>43</sup>

A tradução muitas vezes é considerada uma transformação cultural de uma língua para outra. Porém, trata-se de um trabalho criativo, de uma recreação ou de uma "reprodução". As disciplinas como Estudos de Tradução, Estudos de Gênero e Estudos Culturais são interdisciplinares e pesquisas foram realizadas com base nessas abordagens. Tais abordagens referem-se às noções de gênero e cultura em geral. O gênero e a cultura são fenômenos socialmente construídos que determinam a identidade social de um indivíduo. As traduções visam transferir essas noções de uma cultura para outra sem perder a essência do original. Os tradutores geralmente são homens que traduzem conforme a história nos tem mostrado. Assim, na tradução, os tradutores do gênero masculino ocupam um lugar de destaque, o que levanta algumas questões: existe alguma tradutora e sua história? as questões de gênero foram historicamente negligenciadas ou foram reconhecidas? os diferentes contextos culturais afetaram a consciência de gênero na tradução? como a tradução consciente de gênero afeta os textos de chegada e a recepção de um texto traduzido? e; como as identidades da tradutora e da autora são politizadas? O presente artigo visa problematizar essas questões, e simultaneamente, mostrará como a identidade é construída através da política da linguagem que, por si só, politiza as identidades. Esses aspectos serão explorados considerando os pontos de vista de Sherry Simon, Luise von Flotow e Gayatri Chakravarti Spivak<sup>44</sup>, especificamente. De certo modo, este artigo é mais uma crítica às ideias de Sherry Simon defendidas por von Flotow e Spivak, esclarecendo aos leitores sobre as possibilidades da perspectiva feminista à tradução.

**Palavras-chave:** Política de identidade, gênero, linguagem e tradução.

## Introdução

Recentemente, nos últimos trinta ou quarenta anos, os Estudos da tradução e os Estudos de Gênero encontraram sua base. Desde os anos 80 ocorreram alguns desdobramentos que levaram ao surgimento da "virada cultural"<sup>45</sup> e essa adição de cultura proporcionou uma dimensão significativa à tradução (Bassnett; Lefevere 1990). A ênfase mudou de como e o que traduzir para o que as traduções fazem, como as traduções afetam o mundo literário e a sua recepção na sociedade. Simon cita Nicole Ward Jouve<sup>46</sup>, que afirmou que a tradução ocupa uma "posição feminina" (culturalmente falando) (SIMON, 1996, p. 01)<sup>47</sup>. A visão convencional da tradução refere-se ao "original ativo" e à "tradução passiva", assim, a criação é feita através da transformação passiva. Homens e mulheres ocupam papéis ativos e passivos semelhantes na sociedade, bem como suas sexualidades. As noções de beleza e fidelidade estão associadas às mulheres e, como tal, a tradução, que não deve ser apenas bela, mas também fiel ao original.

No entanto, a escrita e a tradução são interdependentes, uma complementa a outra. Dessa forma, o original não pode ser considerado o verdadeiro, mas uma tradução do que quer que esteja presente em uma sociedade, ou seja, a cultura. A chegada da desconstrução e do pós-estruturalismo<sup>48</sup> despertou a pluralidade de significados, e logo, não há "um único sujeito falante". A tradução torna-se, portanto, bastante difícil, dando origem à política

<sup>41</sup> Artigo publicado no livro *Translation, Nation and Knowledge Society*, um compilado de publicações de pesquisas, artigos, entrevistas acadêmicas, traduções, resenhas de livros etc.

<sup>42</sup> Pesquisadora do Departamento de Inglês da Universidade Banaras Hindu, em Varanasi, Índia.

<sup>43</sup> Graduanda pela Universidade de Brasília.

<sup>44</sup> Teóricas da Tradução Feminista.

<sup>45</sup> A virada cultural aconteceu nos 80 e marcou o começo de estudos sobre gênero, ideologia, pós-estruturalismo e pós colonialismo dentro dos Estudos da Tradução.

<sup>46</sup> Escritora e tradutora francesa, é professora de literatura na Universidade de York, Inglaterra.

<sup>47</sup> As referências foram colocadas no modelo da ABNT para um melhor entendimento dos leitores

<sup>48</sup> O pós-estruturalismo surge como uma forma de repensar e reanalisar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais. (AGUILAR e GOLÇALVES, 2017, p.37)



de identidade, isto é, a identidade dos escritores, dos tradutores e dos personagens. O gênero é construído através de uma linguagem que tende a monopolizar os mais fracos e as mulheres são supostamente as mais fracas, em razão de seu histórico de submissão e humilhação determinados por meio da linguagem. Assim, a linguagem tem desempenhado um papel fundamental na subjugação das mulheres, das escrituras religiosas aos livros de conduta. E se a pessoa a traduzir um texto contextualizado sob uma linguagem "patriarcal" for uma mulher? Aqui surge a política da linguagem, que procura uma forma feminina de ler e escrever. Antes de aprofundarmos o assunto, analisemos se existe alguma história de tradutoras ou teoria feminista da tradução. As tradutoras feministas vieram à tona ocultando suas intenções de analisar a opressão através da linguagem. Elas não apenas compreenderam a linguagem "falocêntrica"<sup>49</sup>, mas defenderam o surgimento de uma linguagem que serve de antônimo ao falocentrismo e que pode ser chamada de "ginocêntrica"<sup>50</sup>, redefinindo e modificando o vocabulário existente juntamente com as peculiaridades de parênteses, lacunas, silêncios, denotando sua própria condição através da linguagem.

### **Tradutoras<sup>51</sup>: as mulheres "perdidas" na superfície**

O renascimento refere-se ao ressurgimento da literatura e da aprendizagem. Durante este período aconteceram várias transformações culturais por meio de manuscritos gregos e latinos, e a partir dessas transformações surgiu a tradução, introduzindo-a ao mundo de língua inglesa. Sherry Simon utiliza o termo "translatress" sugerindo a presença de tradutoras durante o renascimento. O século XVI testemunhou muitas mulheres tradutoras, Margaret Hannay editou *Silent but For the Word: Tudor Women as Patrons, Translators e Writers of Religious Works*<sup>52</sup> (1985) é uma coleção de ensaios que inseriu tópicos pessoais e políticos subvertendo textos através das traduções. Essas tradutoras foram "perdidas" porque foram negligenciadas ou ignoradas. Pesquisadores agora trabalham para identificar o conhecimento dessas mulheres "perdidas". A antologia, *Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823* (Kadish et al. 1994) discute as obras das mulheres francesas do século XVIII e início do século XIX. Olympe de Gouges, Germaine de Stael e Claire de Duras<sup>53</sup> foram traduzidas e localizadas em seus contextos históricos e culturais. Trata-se das questões de gênero e raça questionando o lugar de escritores e tradutores. Existiram obras abolicionistas que ajudaram a abrir caminho para o movimento anti-

<sup>49</sup> Termo cunhado por Jacques Derrida combinando as palavras falocentrismo e logocentrismo para produzir uma crítica às teses de Jacques Lacan no célebre seminário sobre o conto de Edgar Allan Poe, "The Purloined Letter", que Derrida considera pecar por falocentrismo. [...] Na crítica feminista, o termo denota a dominação masculina, evidente no fato de o falo ser sempre aceite como o único ponto de referência, o único modo de validação da realidade cultural. A sociedade dominada pelo falocentrismo olha sempre a mulher com base na sua relação com o homem, deixando prevalecer os aspectos que lhe faltam por oposição à plenitude do homem. (CEIA, 2019) Disponível em: <https://edtl.fch.unl.pt/encyclopedia/falocentrismo/>

<sup>50</sup> Ginocentrismo é o foco dominante ou exclusivo sobre as mulheres nas teorias e práticas, ou para defender tal ponto de vista. Considera-se como genocêntrica tudo que envolve pontos de vista exclusivamente feminino.

<sup>51</sup> No original *translatress*, aqui, às vezes, traduzido para "tradutoras". No inglês, os substantivos não têm distinção de gênero, assim a palavra "translator", no português "tradutor(a)" se refere tanto ao masculino, quanto ao feminino, assim, Simon utiliza a palavra "translatress" como forma de protesto para referenciar que havia mulheres tradutoras na época do renascimento. O sufixo -ess no inglês é muito usado para formar o feminino, principalmente em substantivos relacionados a profissão ou ocupação.

<sup>52</sup> Optei por deixar os títulos de todas as obras mencionadas no texto no original, visto que nem sempre existe tradução para o português, então, para que o texto não ficasse confuso, com alguns títulos traduzidos e outros não, as obras ficarão como no original.

<sup>53</sup> Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, era francesa e foi uma vanguardista, militante feminista, que defendia a emancipação das mulheres e o fim da escravidão. Foi guilhotinada em Paris em 1793 por se opor às ideias de revolucionários da época. Ficou conhecida por propor uma "Declaração dos direitos das mulheres" em 1791/ Anne-Louise-Germaine Necker, também conhecida como Madame de Stael, ficou conhecida por suas obras literárias, ensaios e crítica literária, uma de suas obras de maior destaque é o livro *De l'Allemagne*, em português *Da Alemanha*, importante não só para o âmbito das letras, mas também para filosofia, história, sociologia e tradução. Seus trabalhos foram influenciadores do início do Romantismo na França e do movimento feminista. Ela escreveu também sobre tradução e um de seus escritos é "*Da L'esprit Des Traductions*", em português *Do espírito das traduções*". Madame atuou ativamente na revolução francesa e foi opositora de Napoleão, que a banuiu da França por 10 anos. (SCHAEFFER) / Claire de Duras, a Duquesa de Duras, foi uma escritora francesa e, durante a revolução francesa, recebia diversos escritores, pensadores e políticos da época em seu salão. Ourika, sua obra mais famosa, é considerado o primeiro romance francês com a personagem principal negra.

escravidão. *Women Writing in India (dois volumes)* foi editado por Tharu e Lalita<sup>54</sup> (1993) e procura recuperar os textos esquecidos. O segundo volume tem por objetivo recuperar as vozes esquecidas das línguas vernáculas indianas. Houve diversas tradutoras que traduziram do século XVI ao século XIX, dentre elas, Margaret Fuller, Aphra Behn, Margaret More Roper, Mary Sydney e Margaret Tyler<sup>55</sup> são as eminentes. Aphra Behn é considerada a tradutora proeminente, seu romance *Oroonoko* foi traduzido em várias línguas. Susanna Dobson, Mary Arundell, Lucy Hutchinson e Elizabeth Carter<sup>56</sup> também traduziram várias obras. As mulheres começaram a traduzir a Bíblia assim que foram autorizadas a traduzir obras religiosas escritas por homens. *The Woman's Bible* (1972) de Elizabeth Cady Stanton<sup>57</sup> é o melhor exemplo. A tradução da Bíblia levou ao surgimento da "linguagem inclusiva", que ignora a linguagem sexista. No entanto, não pôde verificar a contenção feminista de subjugação que era liderada pela linguagem patriarcal ou falocêntrica. Foram realizadas diversas pesquisas sobre essas mulheres "perdidas" e é difícil incluir todas elas neste trabalho. Dessarte, prosseguirei para a discussão de como a linguagem, o corpo e o gênero passaram a dominar as tradutoras.

---

<sup>54</sup> Susie Tharu é uma escritora, professora e ativista indiana. Ela é fundadora da Stree Shakti Sanghatana (SSS) e do Centro de Pesquisa Anveshi para Estudos da Mulher. Suas áreas de pesquisa são feminismo, teoria cultural e história da Índia e estudos culturais de saúde/ K. Lalita é diretora do Centro de Pesquisa Anveshi para Estudos da Mulher da Universidade de Osmania, em Hyderabad.

<sup>55</sup> Margaret Fuller foi uma intelectual estadunidense muito importante para seu país, ela foi a primeira mulher a escrever e publicar uma obra feminista nos Estados Unidos da América. (KAPPKE e OLIVEIRA, 2020, p.1) / Aphra Behn, dramaturga inglesa, escritora de ficção e poetisa, foi a primeira inglesa conhecida a conseguir seu sustento escrevendo/ Margaret More Roper era escritora e ficou conhecida por suas realizações acadêmicas/ Roper era a filha mais velha do Sir Thomas More, intelectual que foi chanceler de Henrique VIII/ Mary Sidney Herbert foi condessa de Pembroke e era conhecida por seu temperamento quente. Ela era muito inteligente e talentosa, e ganhou conhecimento por seus escritos e suas poesias/ Margaret Tyler foi a primeira mulher inglesa a traduzir um romance espanhol. Sua tradução da obra "Espejo de príncipe y caballeros" foi um bestseller em 1578. Tyler escreveu muito sobre a importância de ter mulheres nesse meio como forma de diversificar o uso da língua. (FUSCO)

<sup>56</sup> Lucy Hutchinson foi uma poetisa e tradutora que ficou conhecida por ser a primeira mulher a traduzir a obra de Lucrécio, *De rerum natura*, para o inglês/ Elizabeth Carter foi uma poetisa inglesa, tradutora e participava do grupo literário "bluestockings" de Elizabeth Montagu.

<sup>57</sup> Elizabeth Cady Stanton foi uma escritora, filósofa e teórica dos direitos das mulheres e figura importante do movimento sufragista. Stanton reformulou a agenda dos direitos das mulheres e ficou mundialmente conhecida por sua obra *A Bíblia da Mulher*.

## REFERÊNCIAS DAS NOTAS

BARBOSA, Muryatan Santana. **HOMI BHABHA LEITOR DE FRANTZ FANON: Acerca da Prerrogativa Pós-colonial**. Revista Crítica Histórica Ano III, Nº 5, Julho/2012.

BORDELEAU, Francine. France Théoret, récipiendaire. **Les Prix du Québec**. 13 de nov. 2012. Disponível em: <<https://prixduquebec.gouv.qc.ca/recipiendaires/france-theoret/>>. Acesso em: 05 de out. 2021

BRASIL AGUILAR, M. A.; PERES GONÇALVES, J. CONHECENDO A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA: BREVE PERCURSO DE SUA HISTÓRIA E PROPOSTAS. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 36–44, 2017. DOI: 10.25112/rco.v1i0.460. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/460>>. Acesso em: 31 out. 2021.

CEIA, Carlos. FALOGOCENTRISMO. **E-Dicionário de Termos literários**. 26 de dez. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falogocentrismo/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

CLAUDINE Hermann, renown physicist and first woman appointed professor at the École Polytechnique, passed away. **Institut Polytechnique de Paris**. 18 de jul. 2018. Disponível em: <<https://www.polytechnique.edu/en/content/claudine-hermann-renown-physicist-and-first-woman-appointed-professor-ecole-polytechnique>> Acesso em: 05 de out. 2021.

DEFINITION of gynocentrism. **Gynocentrism and its origins**. 10 set. 2016. Disponível em: <<https://gynocentrism.com/2016/09/10/definition-of-gynocentrism/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

DEZ MULHERES QUE INFLUENCIARAM A HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA. **English Life**. 08 de fev. 2019. Disponível em: <<https://englishlive.ef.com/pt-br/blog/dez-mulheres-da-lingua-inglesa/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

ÉCRITURE Feminine. **Oxford Reference**. [sd]. Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095741653>> Acesso em: 05 de out. 2021

EDITORS of Encyclopedia Britannica. Aphra Behn. **Britannica**. [sd]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Aphra-Behn>> Acesso em: 05 de out. 2021.

EDITORS of Encyclopedia Britannica. Elizabeth Carter. **Britannica**. [sd]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Elizabeth-Carter>> Acesso em: 05 de out. 2021.

EDITORS of Encyclopedia Britannica. Gayatri Chakravorty Spivak. **Britannica**. [sd]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Gayatri-Spivak>> Acesso em: 05 de out. 2021.

EDITORS of Encyclopedia Britannica. Lucy Hutchinson. **Britannica**. [sd]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Lucy-Hutchinson>> Acesso em: 05 de out. 2021.

FELINTO, MARILENE. Um surto lésbico-literário. Folha de São Paulo. São Paulo. 05 de set. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs05099912.htm>> Acesso em: 05 de out. 2021.

FRAZÃO, Dilva. Protágoras. **eBiografia**. 15 de jan. 2018. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/protagoras/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

GINOCENTRISMO e Androcentrismo. **Portal Divina Feminina**. [sd]. Disponível em: <<https://portal.divinafeminina.org/ginocentrismo/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

GOODRICH, Jaime. Margaret More Roper. **Oxford Bibliographies**. 25 de set. 2019. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195399301/obo-9780195399301-0429.xml>> Acesso em: 05 de out. 2021.

HOWARD Scott. **Talonbooks**. [sd]. Disponível em: <<https://talonbooks.com/authors/howard-scott/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

K. LALITA. **The Feminist Press**. [sd]. Disponível em: <<https://www.feministpress.org/authors/k-lalita>> Acesso em: 05 de out. 2021.

Kate Millett, ativista feminista e autora de 'Política Sexual', morre aos 82. **G1**. 07 de set. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/kate-millett-ativista-feminista-e-autora-de-politica-sexual-morre-aos-82.ghtml>> Acesso em: 05 de out. 2021

KAPKER, Nathalie de Souza e OLIVEIRA, Marta Ramos. **MARGARET FULLER: A PRIMEIRA MULHER A PUBLICAR UMA OBRA FEMINISTA NOS ESTADOS UNIDOS**. [sd]. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgletas/wp-content/uploads/2020/06/26.pdf>> Acesso em: 05 de out. 2021.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Literatura enquanto linguagem: o legado de Roman Jakobson**. ANTARES, nº2, jul-dez 2009.

LOUKY Bersianik. **The Modern Novel**. [sd]. Disponível em: <<https://www.themodernnovel.org/americas/other-americas/canada/bersianik/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

MADELEINE Gagnon. **Talonbooks**. [sd]. Disponível em: <<https://talonbooks.com/authors/madeleine-gagnon>> Acesso em: 05 de out. 2021.

MARINA Yaguello. **People Pill**. [sd]. Disponível em: <<https://peoplepill.com/people/marina-yaguello/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

MARGARETH Simons. **The Guardian Labs**. [sd]. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/profile/margaret-simons>> Acesso em: 05 de out. 2021.

MARY SIDNEY. **THE MARY SIDNEY SOCIETY**. [sd]. Disponível em: <<http://www.marysidneysociety.org/>> Acesso em: 05 de out. 2021.

MICHALS, Debra. Elizabeth Cady Stanton. **National Women's History Museum**. 2017. Disponível em: <<https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/elizabeth-cady-stanton>> Acesso em: 05 de out. 2021

NICOLE Brossard. **Universidade de Coimbra**. [sd]. Disponível em: <[http://www1.ci.uc.pt/poetas/biografias/nicole\\_brossard.htm](http://www1.ci.uc.pt/poetas/biografias/nicole_brossard.htm)> Acesso em: 05 de out. 2021.

OLIVEIRA, Marcos de Jesus. **Écriture féminine: um olhar a partir da estética da existência**. espaço michel foucault. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art17.pdf>> Acesso em: 05 de out. 2021.

SCHAEFFER, Louise Salles. **Trajatória Intelectual e Produção Letrada de Madame de Stael e sua relação conflituosa com napoleão à luz da obra "De L'Allemagne"**. *Anais do 2º Encontro Internacional de História e Parcerias*. Acesso em 02/10/2021. Disponível em: <[https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570582110\\_ARQ\\_UIVO\\_bd8a73423b668086ca2d0a9f5e2eca24.pdf](https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570582110_ARQ_UIVO_bd8a73423b668086ca2d0a9f5e2eca24.pdf)>

SUSIE THARU. **The Feminist Press**. [sd]. Disponível em: <<https://www.feministpress.org/authors/susie-tharu-1>> Acesso em: 05 de out. 2021.

SUSANNE De Lotbinière-Harwood. **Quebec Books**. [sd]. Disponível em: <<http://quebecbooks.qwf.org/authors/view/728>> Acesso em: 05 de out. 2021.

STEFON, Matt. Mary Daly. **Britannica**. 12 de out. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Mary-Daly>> Acesso em: 05 de out. 2021.

TORRES, Marie-Hélène C e BIGATON, Jaqueline Sindorski. Antologia de Escritoras Francesas do Século XVIII. **Biografias. Claire de Duras**. [sd]. Disponível em: <[https://mnemosineantologiasdotcom.files.wordpress.com/2016/05/duras\\_bio1.pdf](https://mnemosineantologiasdotcom.files.wordpress.com/2016/05/duras_bio1.pdf)> Acesso em: 05 de out. 2021.

## APÊNDICE III

ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>Quaderns. Revista de Traducció 19, 2012 127-139 Translating Women: From Recent Histories and Re-translations to «Queerying» Translation, and Metramorphosis</p> <p>Luise von Flotow University of Ottawa. School of Translation and Interpretation Ottawa, ON K1N 6N5. Canada flotow@uottawa.ca</p>	<p>Quaderns. Revista de Traducció 19, 2012 127-139 Traduzindo Mulheres: de histórias recentes e re-traduições para a tradução de " Queer" e Metramorfose</p> <p>Luise von Flotow Universidade de Ottawa. Escola de Tradução e Interpretação de Ottwa, K1N 6N5. Canadá. flotow@uottawa.ca</p>
Abstract	Resumo
Gender, the term often used to discuss the effects of sexual differences in cultural, social and political configurations, has become increasingly conflicted.	Gênero, termo frequentemente usado para discutir os efeitos das diferenças sexuais em configurações culturais, sociais e políticas, tornou-se cada vez mais conflituoso.
This article touches on this development, and then returns to women as the touchstone of sexual difference in translation studies, reviewing historic achievements of feminisms in translation and analyzing/proposing new scholarly directions.	Este artigo aborda esse desenvolvimento e depois retorna a mulher como peça fundamental da diferença sexual nos estudos da tradução, revendo realizações históricas dos feminismos na tradução, analisando e propondo novas direções acadêmicas.
Keywords: women and translation; feminisms; metramorphosis.	Palavras-chave: mulheres e tradução, feminismos, metramorfose.
Summary	índice
Reviewing Translation within the Women's Movement	Revisão da tradução dentro do movimento Das Mulheres
Re-Translations (in Feminist Times)	Re-traduições (em tempos feministas)
Bible Re-translations Simone de Beauvoir (in English) Queer: where some people	Re-tradução da Bíblia Simone De Beauvoir (em inglês) Queer: onde algumas pessoas
«are referred to as women»	"se referem como mulheres"
To End on a Two Strong Notes.	Para terminar em duas notas fortes.
Women's health: an international feminist translation success	Saúde das mulheres: um sucesso internacional de tradução feminista
Finally, «the non-rejection of the unknown non-I(s)» — recent feminist psychoanalytic theory for translation	Por fim, "a não rejeição do(s) não-eu(s) desconhecido(s)" — recente teoria psicanalítica feminista para tradução
Bibliography	Bibliografia
128 Quaderns.	128 Quaderns.
Rev.	Rev.
Trad. 19, 2012	Trad. 19, 2012
Luise von Flotow	Luise von Flotow
The past forty years of the women's movement, feminist politics, and feminist scholarship have been strongly affected by translation: not only in English-speaking countries but all over the world.	Os últimos quarenta anos do movimento das mulheres, da política feminista, e erudição de estudos feminista foram fortemente afetados pela

	tradução, não só em países de língua inglesa, mas em todo o mundo.
In what follows, I will briefly review the history of this development (in English), and elaborate on its effects in the re-translation of several so-called fundamental texts of these «feminist» times.	Em seguida, farei uma breve revisão da história deste desenvolvimento, e apresentarei seus efeitos na retradução de vários dos chamados textos fundamentais dos tempos "feministas".
Then I will engage with a development in Anglo-American gender studies that, for a time, has seriously hampered thinking about women as a group, especially in the humanities and the arts —so-called «gender trouble» that has caused me, for one, to abandon the term «gender» and re-valorize the term «women». 1 Finally, I will move to two examples of strong recent work that mark a resurgence of interest in women and translation, re-affirming the importance of women both as individuals and as a group, and demonstrating the need for and the possibility of ongoing solidarity, across all the intersections and differences.	Então, abordarei o desenvolvimento de estudos de gênero anglo-americanos que, por um tempo, prejudicaram seriamente o pensamento sobre as mulheres como um grupo, especialmente nas humanidades e nas artes— os chamados "problemas de gênero" que me levaram, por exemplo, a abandonar o termo "gênero" e a revalorizar o termo "mulher". 1 Por último, passarei a dois exemplos de importantes trabalhos recentes que marcam o ressurgimento do interesse pelas mulheres e pela tradução, reafirmando a importância das mulheres tanto como indivíduos quanto como grupo, e demonstrando a necessidade e a possibilidade de solidariedade contínua, através de todas as interseções e diferenças.
Reviewing Translation within the Women's Movement	Revisão da tradução dentro do movimento Das Mulheres
Well before such ideas as «feminist translation» emerged in the 1990s, translation was an important motor for Anglo-American and various other feminisms:	Bem antes do surgimento de ideias como a "tradução feminista" nos anos 90, a tradução era um importante motor para os anglo-americanos e vários outros feminismos:
Translations of women authors allowed massive cross-fertilization and exchange of ideas: from the Anglo-American perspective, the work from France became very important (Cixous, Irigaray); in Canada, the French work by experimental feminist writers in Quebec became instrumental in theorizing feminist epistemologies and developing feminist approaches to translation.	As traduções de mulheres escritoras permitiram uma enorme transformação e troca de ideias, da perspectiva anglo-americana, o trabalho da França tornou-se muito importante (Cixous, Irigaray), no Canadá, o trabalho francês de escritoras feministas experimentais do Quebec tornou-se instrumental para a teoria das epistemologias feministas e para o desenvolvimento de abordagens feministas da tradução.
Re-readings, re-evaluations, and re-translations of existing «key» texts of Western, and feminist culture became important.	Releituras, reavaliações e retraduições de textos "chave" existentes da cultura ocidental e feminista tornaram-se importantes.
The discovery of long lost, newly-unearthed women writers led to more translation: huge anthologies of women's writing were produced, publishing houses set up series of women's lists; women's work was in for a while. <sup>2</sup>	A descoberta de mulheres escritoras há muito perdidas e recém-evidenciadas resultou em mais traduções, foram produzidas extensas antologias de escritas femininas, as editoras criaram uma série de listas de mulheres, o trabalho das mulheres ficou em alta por um tempo. 2
Finally, all this activity led to an examination of translation itself—as the medium without which such exchanges and cross-fertilizations are impossible; a medium that has often been theorized as «feminine» and	Em conclusão, toda essa atividade provocou uma análise da tradução propriamente dita— como o meio sem o qual tais trocas e transformações são impossíveis, um meio que muitas vezes foi teorizado como "feminino" e de alguma forma

somehow decadent, untrustworthy, and hedged in by boundaries and limits.	decadente, não confiável e protegido por barreiras e limites.
Much academic work ensued on the power of translation, on women translators and their influence on texts, and on theories of translation that develop a powerful view of the supposed feminine side of the phenomenon of translation.	Muito trabalho acadêmico se seguiu sobre o poder da tradução, sobre as mulheres tradutoras e sua influência nos textos e sobre as teorias da tradução que desenvolveram uma visão poderosa do suposto lado feminino do fenômeno da tradução.
Translating Women, ed.	Traduzindo Mulheres, ed
Luise von Flotow, University of Ottawa Press 2011.	Luise von Flotow, Universidade de Ottawa Press 2011.
Research done on the translation of Canadian writing into German has shown that in the 1980s publishers' and readers' interest in women writers brought on the success of writer Margaret Atwood and many other Canadian women, to the detriment of male authors: in that decade almost 80 books by women and fewer than 50 books by men were translated from Canada into German (Translating Canada 2007).	Pesquisas realizadas sobre a tradução da escrita canadense para o alemão mostraram que nos anos 80 o interesse de editoras e leitores por escritoras trouxe o sucesso da escritora Margaret Atwood e muitas outras mulheres canadenses, em detrimento dos autores masculinos, naquela década quase 80 livros de mulheres e menos de 50 livros de homens foram traduzidos do inglês para o alemão (Translating Canada 2007).
Translating Women Quaderns. Rev. Trad. 19, 2012 129 Re-Translations (in Feminist Times) Translation is deliberate.	Traduzindo Mulheres Quaderns. Rev. Trad. 19, 2012 129 Re-traduições (em tempos feministas) A tradução é deliberada.
It is intentional, and usually done for a purpose.	É intencional, e geralmente feita com um propósito.
No translation is the production of only the translator.	Nenhuma tradução é produção apenas do/a tradutor/a.
For one thing, the source text and author are involved: they become more or less meaningful or useful at different moments in a culture, more or less interesting for translation or re-translation; publishers and editors are involved; so are patrons willing to pay for the work, and finally, even book designers and typesetters who create the final product, and can change a text.	Por um lado, o texto fonte e o autor estão envolvidos, eles se tornam mais ou menos significativos ou úteis em momentos diferentes de uma cultura, mais ou menos interessantes para tradução ou retradução. Editores e revisores estão envolvidos, assim como clientes dispostos a pagar pelo trabalho, e finalmente, até mesmo designers de livros e editores que criam o produto final, e podem mudar o texto.
Never is a translation the responsibility of only the translator; it is a collaboration.	A tradução nunca é responsabilidade apenas do/a tradutor/a, é uma colaboração.
This has become evident in much of the work around translation within the women's movement, and since, and is exemplified in the examples of re-reading and re-translating below.	Isto se tornou evidente em grande parte do trabalho de tradução dentro do movimento das mulheres e, desde então, é exemplificado nos casos de releitura e retradução abaixo.
Bible Re-translations	Retraduições da Bíblia
Re-translating such hefty works as the Bible requires massive collaborative efforts; in Anglo-America these emerged in the early 1980s, with the production and regular updating of a book entitled The Inclusive Language Lectionary (1983ff).	A retradução de obras tão pesadas como a Bíblia requer esforços massivos de colaboração, na América, elas surgiram no início da década de 1980, com a produção e atualização regular de um



	livro intitulado The Inclusive Language Lectionary (1983ff).
This book is a compilation of excerpts from the Bible used in liturgy, in daily church services.	Este livro é uma compilação de trechos da Bíblia usada na liturgia, nos cultos da Igreja.
Given the premise that the Bible is a «fundamental text» of Western culture —which Elizabeth Cady Stanton had already recognized and severely criticized in her The Woman’s Bible (1895)—, the members of the editorial/translation committee of this Inclusive Language Lectionary set out to re- word the English versions of these texts, re-reading the ancient sources and making the translations reflect new realities and understandings of women’s posi- tion in society.	Dada a premissa de que a Bíblia é um "texto fundamental" da cultura ocidental —que Elizabeth Cady Stanton já havia reconhecido e criticado severamente em sua obra The Woman's Bible (1895) —, os membros do comitê editorial/de tradução do Inclusive Language Lectionary se propuseram a redigir as versões em inglês destes textos, relendo as fontes antigas e fazendo com que as traduções refletissem novas realidades e compreensões da posição da mulher na sociedade.
Suddenly, it was possible to read the Hebrew Elohim as being both feminine and masculine, and translate it as «God the Mother and Father»; sudden- ly it was possible to see that it might be inappropriate to address members of the Church as «brethren» only —in line with the male-focus of all previous English Bibles—; suddenly, and even more drastically, it became evident that in the story of creation in Genesis II, «the adam», in most Bible translations the first human, is in fact not a human male called Adam, but simply a sexless creature made from	De repente, foi possível ler o hebraico Elohim como sendo tanto feminino quanto masculino, e traduzi-lo como "Deus, a Mãe e o Pai", de repente, foi possível ver que poderia ser inapropriado dirigir-se aos membros da Igreja apenas como "irmãos"— de acordo com o foco no masculino de todas as Bíblias inglesas anteriores, de repente, e ainda mais drasticamente, tornou-se evidente que na história da criação em Gênesis II, "o adão", na maioria das traduções bíblicas o primeiro humano, não é de fato um homem humano chamado Adão, mas simplesmente uma criatura sem sexo feita de
«adamah», from the earth.	"adamah", da terra.
The human female, Havva, is made from a piece of the earth taken from the side of this adam —and not from the rib of a man.	A fêmea humana, Eva, é feita de um pedaço da terra tirado do lado deste Adão— e não da costela de um homem.
She is the first human created in this version of the story, and the name given her	Ela é a primeira humana criada nesta versão da história, e o nome dado a ela
—Havva— is as meaningful as the common noun «adam».	—Eva—é tão significativo como o nome comum "adão".
It means ‘life’ in ancient Hebrew, with all that connotes of joys and sorrows, successes and failures.	Significa "vida" em hebraico antigo, com tudo o que remete a alegrias e tristezas, sucessos e fracassos.
Over the hundreds of centuries of adaptation and translation in aggressive patri- archal cultures, these details had disappeared, been hidden and lost, so that entire social and political systems could be founded on the «secondary» nature of women, coming second in Creation, derived from the body of Adam, the first human, and so on.	Sobre as centenas de séculos de adaptação e tradução de uma cultura agressiva patriarcal, esses detalhes haviam desaparecido, sido escondidos e perdidos, de modo que todos os sistemas sociais e políticos poderiam ser fundado sobre a natureza "secundária" das mulheres, a segunda criação, derivada de Adão, o primeiro humano, e assim por diante.
This is something that Stanton already traced in the late 19th century; she saw this patriarchal religious discourse as the foundation of the political discourses that deprived women of the vote, and in Canada, of the status of «persons» until 1929.3	Isto é algo que Stanton já havia rastreado no final do séculoXIX, ela viu este discurso religioso patriarcal como a base dos discursos políticos que privaram as mulheres do voto, e no Canadá, do status de "pessoas" até 1929.3

<p>Such deliberate twists and mistranslations of Biblical materials were confirmed in 1992, with the publication of Mary Phil Korsak's <i>At the Start</i>, a careful, detailed, and commented new translation of Genesis II, and have led to other re-translations, notably one into French of the entire Bible, entitled <i>La Bible 2001</i>.</p>	<p>Tais reviravoltas deliberadas e traduções equivocadas de materiais bíblicos foram confirmadas em 1992, com a publicação da obra de Mary Phil Korsak <i>At the Start</i>, uma cuidadosa, detalhada e comentada nova tradução de Gênesis II, que levou a outras re-traduições, com destaque para uma em francês, de toda a Bíblia, intitulada <i>La Bible 2001</i>.</p>
<p>This Bible 2001 was produced not only for feminist purposes, but more generally to take account of the changes in the French language and especially its literary language of the 20th century.</p>	<p>A Bíblia 2001 foi produzida não só para fins feministas, mas de forma mais geral para levar em consideração as mudanças na língua francesa e, especialmente, a sua língua literária do século XX</p>
<p>But in the process, many similar discoveries as in English were made.</p>	<p>Durante o processo, muitas descobertas semelhantes ao inglês foram feitas.</p>
<p>As Bible historians worked together with francophone writers, and editorial teams assessed the texts that were produced, it was another giant collaboration that found, for instance, that in the ancient Greek texts of the New Testament there is no mention of the term virgin for the mother of Jesus.</p>	<p>Como historiadores bíblicos trabalharam juntos aos escritores francófonos e equipes editoriais avaliaram os textos que foram produzidos, essa colaboração gigantesca foi responsável por descobrir que nos textos gregos antigos do Novo Testamento não há menção do termo virgem para a mãe de Jesus, por exemplo.</p>
<p>Consequently, in the translation, she is referred to as «la jeune fille» or «la jeune femme» —a change that may be taken lightly today and shrugged off.</p>	<p>Consequentemente, na tradução, ela é referida como "la jeune fille" ou "la jeune femme"— uma mudança que hoje pode ser considerada leve e descartada.</p>
<p>For hundreds of years, however, this pseudo-condition of «virginity» existed and was constantly asserted to terrorize real women and demean and soil their humanity.<sup>4</sup></p>	<p>Porém, durante centenas de anos, essa pseudo condição de "virgindade" existiu e foi constantemente afirmada para aterrorizar as mulheres reais, humilhar e sujar sua sexualidade humana.<sup>4</sup></p>

## APÊNDICE IV

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Is there a Feminist Way of Studying Translation?	Existe uma Maneira Feminista de Estudar Tradução?
Gender, Translation, Language and Identity Politics	Gênero, Tradução, Linguagem e Identidade Política
ALKA VISHWAKARMA	ALKA VISHWAKARMA
Translation is often considered a cultural transformation from one language to another.	A tradução muitas vezes é considerada uma transformação cultural de uma língua para outra.
It is indeed a creative work, a recreation or a 'reproduction'.	Na verdade, trata-se de um trabalho criativo, de uma recreação ou de uma "reprodução".
The disciplines like Translation Studies, Gender Studies and Cultural Studies are interdisciplinary and researches have been conducted under these approaches.	As disciplinas como Estudos de Tradução, Estudos de Gênero e Estudos Culturais são interdisciplinares e foram realizadas pesquisas com base nessas abordagens.
These approaches deal with the notions of gender and culture at large.	Tais abordagens referem-se às noções de gênero e cultura em geral.
Gender and culture are socially- constructed phenomena which determine the social identity of an individual.	O gênero e a cultura são fenômenos socialmente construídos que determinam a identidade social de um indivíduo.
Translations intend to transfer these notions from one culture to another without losing the essence of the previous.	As traduções visam transferir essas noções de uma cultura para outra sem perder a essência da anterior.
Translators are often men who translate as history has shown us.	Os tradutores geralmente são homens que traduzem conforme a história nos tem mostrado.
In translation therefore, male translators are of great eminence which arises certain questions: is there any woman translator and their history, have gender-issues historically been neglected or recognized, did different cultural contexts affect gender- conscious awareness in translation, how does gender-conscious translation affect the target texts and the reception of a translated texts and how the identities of the translator and author is politicized?	Portanto, na tradução, os tradutores do gênero masculino ocupam um lugar de destaque, o que levanta algumas questões: existe alguma tradutora e sua história? as questões de gênero foram historicamente negligenciadas ou reconhecidas? os diferentes contextos culturais afetaram a consciência de gênero na tradução? como a tradução consciente de gênero afeta os textos de chegada e a recepção de um texto traduzido? e; como as identidades da tradutora e da autora são politizadas?
The present paper intends to problematize them.	O presente artigo visa problematizar essas questões.
It will simultaneously show how identity is constructed through the politics of language which itself politicises the identities.	E, simultaneamente, mostrará como a identidade é construída através da política da linguagem que, por si só, politiza as identidades.
These aspects would be explored in the light of the views of Sherry Simon, Luise von Flotow and Gayatri Chakravarti Spivak specifically.	Esses aspectos serão explorados considerando os pontos de vista de Sherry Simon, Luise von Flotow e Gayatri Chakravarti Spivak especificamente.
In other sense, the present paper is more of a critique of Sherry Simon's ideas supported by von Flotow and Spivak, enlightening the readers	De certo modo, este artigo é mais uma crítica às ideias de Sherry Simon defendidas por von Flotow e Spivak, esclarecendo aos leitores sobre

of the possibilities of feminist perspective to translation.	as possibilidades da perspectiva feminista à tradução.
Keywords: identity politics, gender, language and translation.	Palavras-chave: Política de identidade, gênero, linguagem e tradução.
Introduction	Introdução
Translation Studies and Gender Studies have recently found their platform in the past thirty or forty years.	Recentemente, nos últimos trinta ou quarenta anos, os Estudos da tradução e os Estudos de Gênero encontraram sua base.
Since 1980s there have been certain developments that have led to the rise of 'the cultural turn'; this addition of culture has rendered a significant dimension to translation (Bassnett & Lefevere 1990).	Desde os anos 80 ocorreram alguns desdobramentos que levaram ao surgimento da "virada cultural" e essa adição de cultura proporcionou uma dimensão significativa à tradução (Bassnett; Lefevere 1990).
It has shifted the emphasis from how and what to be translated to what do translations do, how do translations affect the literary world and its reception in society.	A ênfase mudou de como e o que traduzir para o que as traduções fazem, como as traduções afetam o mundo literário e a sua recepção na sociedade.
Simon cites Nicole Ward Jouve who has asserted that translation occupies a "(culturally speaking) female position"	Simon cita Nicole Ward Jouve, que afirmou que a tradução ocupa uma "posição feminina" (culturalmente falando)
Translation, Nation and Knowledge Society	Tradução, nação e Sociedade do conhecimento
Is there a Feminist Way of Studying Translation?	Existe uma Maneira Feminista de Estudar Tradução?
(Simon 1996: 01).	(SIMON, 1996, p. 01).
The conventional view of translation refers to the 'active original' and 'passive translation'; thus the creation is through passive transformation.	A visão convencional da tradução refere-se ao "original ativo" e à "tradução passiva", assim, a criação é feita através da transformação passiva.
Men and women occupy the similar active and passive roles in society as well as their sexualities.	Homens e mulheres ocupam papéis ativos e passivos semelhantes na sociedade, bem como suas sexualidades.
The notions of beauty and fidelity are associated with females and so with the translation which is not to be beautiful only but must be faithful to the original.	As noções de beleza e fidelidade estão associadas às mulheres e, como tal, a tradução, que não deve ser apenas bela, mas também fiel ao original.
Writing and translation are however interdependent, each adheres to the other.	No entanto, a escrita e a tradução são interdependentes, uma complementa a outra.
Therefore, the original cannot be considered the real one but a translation of whatever is present in a society that is culture.	Dessa forma, o original não pode ser considerado o verdadeiro, mas uma tradução do que quer que esteja presente em uma sociedade, ou seja, a cultura.
As the arrival of deconstruction and post-structuralism has aroused the plurality of meaning; and therefore there is no 'single speaking subject'.	A chegada da desconstrução e do pós-estruturalismo despertou a pluralidade de significados, e logo, não há "um único sujeito falante".
Translation therefore becomes quite difficult giving rise to the politics of identity, i.e. identity of the writer, the translator and the characters.	A tradução torna-se, portanto, bastante difícil, dando origem à política de identidade, isto é, a identidade dos escritores, dos tradutores e dos personagens.
Gender is constructed through language which intends to monopolise the weaker; women are	O gênero é construído através de uma linguagem que tende a monopolizar os mais

supposed to be the weaker because of their attributes of submissiveness and humility determined through language.	fracos e as mulheres são supostamente as mais fracas, em razão de seu histórico de submissão e humilhação determinados por meio da linguagem.
Language therefore has played a vital role in the subjugation of women from the religious scriptures to the conduct books.	Assim, a linguagem tem desempenhado um papel fundamental na subjugação das mulheres, das escrituras religiosas aos livros de conduta.
So what if a translator is a woman translating the text which is framed under the 'patriarchal' language.	E se a pessoa a traduzir um texto contextualizado sob uma linguagem "patriarcal" for uma mulher?
Here comes into being the politics of language which looks for the feminine way of writing and reading.	Aqui surge a política da linguagem, que procura uma forma feminina de ler e escrever.
Before getting into this idea, let us see whether there is any history of female translators or feminist theory of translation.	Antes de aprofundarmos o assunto, analisemos se existe alguma história de tradutoras ou teoria feminista da tradução.
Feminist translators came to the surface concealing their intentions to analyze their oppression through language.	As tradutoras feministas vieram à tona ocultando suas intenções de analisar a opressão através da linguagem.
They not only castigated the 'phallogocentric' language but advocated for the emergence of a language which will serve as an antonym to 'phallogocentrism' and which could be called 'gynocentric' redefining and modifying existing vocabulary along with the peculiarities of parenthesis, gaps, silences, denoting their own condition through language.	Elas não apenas repreenderam a linguagem "falocêntrica", mas defenderam o surgimento de uma linguagem que serve de antônimo ao falocentrismo e que pode ser chamada de "ginocêntrica", redefinindo e modificando o vocabulário existente juntamente com as peculiaridades de parênteses, lacunas, silêncios, denotando sua própria condição através da linguagem.
Translatress: The 'lost' Women on the Surface	Tradutoras: as mulheres "perdidas" na superfície
Renaissance refers to the birth of literature, a revival of learning.	O renascimento refere-se ao ressurgimento da literatura e da aprendizagem.
During this period, we see the exchange of various cultural transformations through Greek and Latin manuscripts; for such transformation translation came into existence, introducing it to the English speaking world.	Durante este período aconteceram várias transformações culturais por meio de manuscritos gregos e latinos, e a partir dessas transformações surgiu a tradução, introduzindo-a ao mundo de língua inglesa.
Sherry Simon has used the term 'translatress' suggesting the presence of female translators during renaissance.	Sherry Simon utiliza o termo "translatress" sugerindo a presença de tradutoras durante o renascimento.
Sixteenth century has witnessed many women translators; Margaret Hannay's edited Silent but For the Word: Tudor Women as Patrons, Translators and Writers of Religious Works (1985) is a collection of essays which inserted personal and political topics subverting texts through translations.	O século XVI testemunhou muitas mulheres tradutoras, Margaret Hannay editou Silent but For the Word: Tudor Women as Patrons, Translators e Writers of Religious Works (1985) é uma coleção de ensaios que inseriu tópicos pessoais e políticos subvertendo textos através das traduções.
These female translators were 'lost' as they were neglected or overlooked.	Essas tradutoras foram "perdidas" porque foram negligenciadas ou ignoradas.
Researchers now have worked on discovering those 'lost' women's knowledge.	Pesquisadores agora trabalham para identificar o conhecimento dessas mulheres "perdidas".

The anthology, <i>Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823</i> (Kadish et al. 1994) discusses the works of eighteenth and early nineteenth century French women.	A antologia, <i>Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823</i> (Kadish et al. 1994) discute as obras das mulheres francesas do século XVIII e início do século XIX.
Olympe de Gouges, Germaine de Stael and Claire de Duras have been translated and located in their historical and cultural contexts.	Olympe de Gouges, Germaine de Stael e Claire de Duras foram traduzidas e localizadas em seus contextos históricos e culturais.
It deals with the issues of gender and race questioning the place of writers and translators.	Trata-se das questões de gênero e raça questionando o lugar de escritores e tradutores.
There have been abolitionist writings which helped to pave path for the anti-slavery movement.	Existiram escritos abolicionistas que ajudaram a abrir caminho para o movimento anti-escravidão.
<i>Women Writing in India</i> (two volumes) has been edited by Tharu and Lalita (1993); it attempts to rediscover the forgotten texts.	<i>Women Writing in India</i> (dois volumes) foi editado por Tharu e Lalita (1993) e procura recuperar os textos esquecidos.
Its second volume pays attention to language restoring the forgotten voices from the Indian vernacular languages.	O segundo volume tem por objetivo recuperar as vozes esquecidas das línguas vernáculas indianas.
There have been a number of translators who have been translating from sixteenth century to nineteenth century; among them, Margaret Fuller, Aphra Behn, Margaret More Roper, Mary Sydney and Margaret Tyler are the eminent ones.	Houve diversas tradutoras que traduziram do século XVI ao século XIX, entre elas, Margaret Fuller, Aphra Behn, Margaret More Roper, Mary Sydney e Margaret Tyler são as eminentes.
Aphra Behn is considered the prominent translator; her novel <i>Oroonoko</i> itself has been translated in many languages.	Aphra Behn é considerada a tradutora proeminente, seu romance <i>Oroonoko</i> foi traduzido em várias línguas.
Susanna Dobson, Mary Arundell, Lucy Hutchinson and Elizabeth Carter have also translated immensely.	Susanna Dobson, Mary Arundell, Lucy Hutchinson e Elizabeth Carter também traduziram várias obras.
Women began translating the Bible as they were allowed to translate religious works written by men.	As mulheres começaram a traduzir a Bíblia assim que foram autorizadas a traduzir obras religiosas escritas por homens.
Elizabeth Cay Staton's <i>The Woman's Bible</i> (1972) is the best example of it.	<i>The Woman's Bible</i> (1972) de Elizabeth Cay Staton é o melhor exemplo.
Bible translation led to the emergence of the 'inclusive language' which ignores the sexist language.	A tradução da Bíblia levou ao surgimento da "linguagem inclusiva", que ignora a linguagem sexista.
However it could not check feminist's contention of subjugation that was led by the patriarchal or phallogocentric language.	No entanto, não pôde verificar a contenção feminista de subjugação que era liderada pela linguagem patriarcal ou falocêntrica.
There have been many research works conducted on these 'lost' women and it is hard to bring all of them into these pages.	Foram realizadas diversas pesquisas sobre essas mulheres "perdidas" e é difícil incluir todas elas neste trabalho.
Therefore, now I will progress to discuss how language, body and gender came to dominate female translators.	Dessarte, prosseguirei para a discussão de como a linguagem, o corpo e o gênero passaram a dominar as tradutoras.